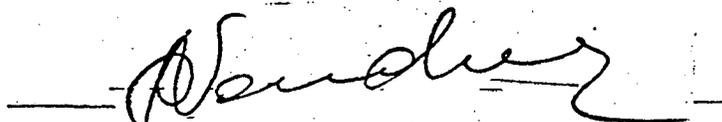
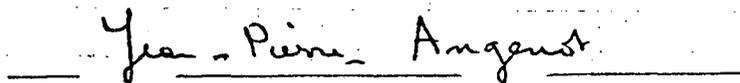


Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Mestre em Letras - Opção Lingüística - e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação.

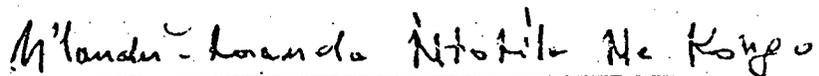


Prof. Dr. Paulino Vandresen
Orientador

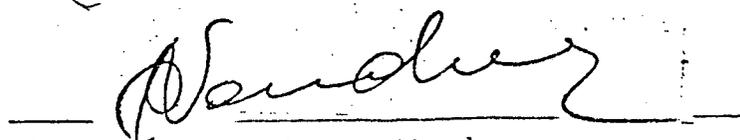
Apresentada perante a Banca Examinadora composta dos professores



Prof. Dr. Jean Pierre Angenot



Prof. N'Landu Laanda Ntotila Ne Kongo



Prof. Dr. Paulino Vandresen

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão.

Existe realmente semivogal no Português?
-uma abordagem gerativa natural pura-

Dissertação apresentada por Sidney Gaspar de Oliveira
ao Programa de Pós-Graduação como requisito final para a obtenção
do Grau de Mestre em Letras

Florianópolis, maio de 1978

Oferecimento

A meu esposo Altino, e
-a meus filhos:- Ana Rosa
Marcello
Rodrigo
Maria Fernanda
José Roberto
pelo muito de amor, carinho e
compreensão.

AGRADECIMENTO

- À U.F.S.C. pela oportunidade proporcionada.
- Ao professor orientador, Dr. Paulino Vandresen, pela segurança e proeficiência de legadas.
- À Chefe de Departamento do D.L.L.V., pelo interesse e apoio constantes.
- Aos professores da Pós-Graduação, a quem devo grande parte do que sou intelectualmente.
- Aos professores amigos do C.C.E., pelo estímulo e amizade demonstrados.
- À prof. Natália Cancelier, a quem devo a amizade e a cooperação nos últimos momentos da elaboração desta pesquisa.
- A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que se pudesse concluir a presente dissertação.

ABREVIATURAS

1. V - Vogal
2. S - Semivogal
3. C - Consoante
4. alt - Alta
5. bx - Baixa
6. arred - Arredondada
7. rec - Recuada
8. cons - Consonantal
9. cont - Contínuo
10. cor - Coronal
11. estr - Estridente
12. lat - Lateral
13. nas - Nasal
14. sil - Silábico
15. son - Sonoro
16. acent - Acento
17. tempo (T) - Tempo
18. vel - Velocidade
19. soant - Soante
20. tom - Tom
21. levant - Levantamento
22. amb - Ambissilabidade

SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

1. () Elemento opcional
2. { } Elementos conjuntivamente ordenados
3. [] Representações fonéticas sistemáticas
4. / / Representações fonêmicas sistemáticas
5. [/] Delimitação de representações fonéticas
6. < > Interdependência de pertinência de traço
7. + Especificação positiva de traço
8. - Especificação negativa de traço
9. \hat{a} Especificação igual de traço
10. $\hat{-a}$ Especificação contraditória de traço
11. \emptyset Inexistência de segmento ou ausência de especificação de traço.
12. — Torna-se...
13. § Fronteira de sílaba
14. + Fronteira de morfema
15. = Fronteira de formante
16. # Fronteira de palavra
17. ~ Alternância
18. — Local, no contexto, do segmento a ser modificado pela aplicação das regras.
19. / Contexto de
20. // Contexto reversível de
21. \acute{V} Sobre a Vogal tônica - Tonicidade
22. \grave{V} Debaixo da Vogal - Redução
23. \emptyset Acento flutuante - Sub-especificado

24. V° À direita e acima da Vogal - Duração
25. X.Y. Pausa silábica
 | |
 S S
26. |
 S Em estrutura geométrica - Sílabas
27. \bar{V} Vogal nasalizada
28. $\underset{\sim}{V}$ Mora glidal
29. Fi "Feature" traço
30. V V Ambissilabidade
 M
 S S
31. N Arquisegmento nasal
32. { $\begin{matrix} n \\ \emptyset \end{matrix}$ } Infrasegmento nasal

R E S U M O

A presente dissertação - fundamentada na Fonologia Natural Pura - tem como objeto o estudo das semivogais no Português.

A divergência entre gramáticos e lingüistas levou a uma investigação do comportamento das semivogais através de análises exaustivas, procurando estabelecer o 'status' fonêmico desses segmentos.

Após a investigação das hipóteses: a) que apresenta as semivogais na estrutura subjacente, como fonemas, b) que apresenta as semivogais como subjacentes, fonemas, em algumas ocorrências e derivadas em outras, propõe-se uma terceira hipótese que mostra a possibilidade da inexistência das semivogais no português.

Conclui-se que fonemicamente só existem duas classes naturais de segmentos: as vogais silábicas e as consoantes, e que foneticamente existe também a mora glidal intrasegmental, que pode participar da constituição de ditongos, tritongos e/ou de consoantes labializadas ou palatalizadas. Em todos os casos as moras são derivadas por meio de uma regra única condicionada pela velocidade [1 Tempo].

A partir do modelo da Fonologia Natural Pura formularam-se regras naturais que captaram generalizações, demonstrando a viabilidade da hipótese acima apresentada.

ABSTRACT

The present dissertation -based on the Natural Pure Phonology-has as its aim the study of the semi-vowels in Portuguese.

The controversies between grammarians and linguists ,led to an investigation of the semi-vowels behaviour through exhaustive analyses in order to establish the phonemic status of these segments.

After the investigation of the hypotheses:a) that wich presents the semi-vowels in the underlying structure,as phonemes; b)that wich presents the semi-vowels as phonemes in the underlying structure in certain positions,and as derived in other positions _ a third hypotheses is proposed,wich shows the possibility of the non-existence of semi-vowels in Portuguese.

We got to the conclusion that phonemically there are only two natural classes of segments---the syllabic vowels and the consonants--- and that phonetically there is only a glidal intrasegmental more wich can participate in the constitution of diphtongs,triphtongs and/or in the constitution of labialized or palatalized consonants. In all these circumstances the mores an derived through an only rule condicioned by speed [1 T] .

Based upon the Natural Pure Phonology, natural rules were formulated with absorbed generalization, thus demonstrating the viability of the hypotheses formulated above.

S U M A R I O

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	05
1- A semivogal na Gramática Tradicional, Estrutural e Gerativa.....	05
1.1- A Abordagem Tradicional.....	05
1.2- Celso Cunha	05
1.2.1-Encontros Vocálicos.....	07
1.2.1.1-Ditongos	07
1.2.1.2.-Tritongos.....	07
1.2.1.3-Hiato.....	08
1.3-Evanildo Bechara	08
1.4-Rocha Lima.....	10
1.5-A Abordagem Estruturalista.....	11
1.5.1-Mattoso Câmara Jr.....	11
1.5.2-Reed e Leite.....	14
1.5.3-Robert A. Hall.....	15
1.5.3.1-Ditongo.....	16
1.5.3.2-Hiato.....	16
1.5.3.3-Tritongo.....	16
1.5.4-Eunice Pontes.....	16
1.5.5-Bowen e Stockwell.....	18

2.9.1-De consoante nasalizada.....	50
2.9.2-De vogais altas.....	51
2.9.3-De consoante lateral	52
2.10-Inserção de semivogal.....	53
2.11-Conclusão.....	54
NOTAS	56
CAPITULO III.....	57
3-Pressupostos Teóricos	57
3.1-Introdução.....	57
3.1.1-Condicionamento fonético versus morfológico ou fonético versus fonológico?	58
3.1.2- Subespecificação :arquisegmento ou infrasegmento?.....	64
3.1.3-Produtividade absoluta ou relativa?	73
3.1.4-Distintividade e Contrastividade.....	73
3.1.5-A controvérsia sobre a abstração subjacente um falso problema.....	75
3.1.6-Uma competência ideal ou várias competências reais?.....	76
3.1.7-Superespecificação e estrutura intrasegmental..	77
3.1.8-Velocidades, registros, representações subjacentes.....	82
3.1.9-Ambissilabicidade e fonologia auto-segmental	91
NOTAS..(Encontram-se incluídas nas numerações dos.... itens).	

1.6-A Abordagem Gerativista.....	19
1.6.1-Maria Helena Mira Mateus	19
1.6.2-Celso Pedro Luft.....	21
1.6.3-Maria Conceição Serra.....	23
1.7. Conclusão	25
NOTAS.....	26
CAPITULO II.....	27
2-INTRODUÇÃO.....	27
2.1-Análise I-As semivogais são os fonemas /y/ e/	
/w/.....	27
2.1.1-As semivogais [-rec] e [+ rec] na seqüência	
V+S.....	28
2.2-Ditongos Crescentes S+V.....	26
2.3 Ditongos nasais.....	40
2.4-Seqüências com V+S+V.....	42
2.5-Tritongos.....	45
2.6-Conclusão.....	46
2.7- Análise II-As semivogais são os fonemas /i/	
e /u/ em distribuição restrita, e são derivadas	
em alguns contextos.....	47
2.8- As semivogais são subjacentes em distribuição	
restrita.....	48
2.9-As semivogais são derivadas.....	50

CAPITULO IV 93

 4.1-Objetivo..... 93

 4.2-Amostragem representativa..... 95

 4.3-Regras derivacionais..... 97

 4.3.1-Nota prévia..... 97

 4.3.2-Regras derivacionais-propostas..... 100

 4.4-Derivações..... 106

 4.5.Outras derivações..... 109

 4.6.Conclusão..... 110

 4.7- Anexos..... 111

.....

CONCLUSÃO..... 123

BIBLIOGRAFIA GERAL..... 129

BIBLIOGRAFIA ESPECIFICA 131

I N T R O D U Ç Ã O

Fazendo-se uma análise crítico-comparativa das gramáticas - de primeiro e segundo graus, na parte referente à Fonética e à Fonologia, encontra-se uma série de divergências que dificultam o trabalho do professor. Foram essas contradições que provocaram o presente estudo sobre as semivogais no português.

Com o significado de "som de transição" pode-se atribuir o nome "glide", dentro da fonologia gerativa do português, a uma vogal não silábica que ao lado de outra vogal silábica, constitua com esta uma única sílaba.

Mateus⁽¹⁾ afirma que quando há a inserção de um elemento - desse tipo durante a derivação, pela aplicação de uma regra de ditongação, por exemplo:

/paseo/ ——— [pa'sejo] , o significado de som de transição é justificável, pois é por meio desse som que se faz a transição entre duas vogais ou "pode ainda constituir-se como um apoio para a vogal, antes de fronteira de palavra".

Discutiu-se, também, a denominação 'glide', 'semivogal' e mora glidal.

Para Lehiste e Peterson⁽²⁾, a glide seria:

"...núcleos silábicos complexos com uma mancha simples no espectograma. (ex. fate [ei]), que não são exatamente ditongos. Distinguem-se dos núcleos silábicos simples e dos ditongos, pois embora seja a glide composta por dois elementos, apresentam um espectograma em que é difícil segmentar os dois sons".

Chomsky e Halle ⁽³⁾ chamam de glides ao [j], [w], [h] e [ʔ].

Harris ⁽⁴⁾ diz o seguinte:

"Claro que o nome que o colocamos é o de menos: o importante da classificação gerativa... é que se baseia nas propriedades acústicas e articulatórias, e também no conjunto de regras que geram as representações fonológicas do idioma".

Para o presente trabalho adota-se a denominação mora glidal intrasegmental $[^+ \text{rec}]$, isto é $[i, u]$, que pode participar da constituição de ditongos e tritongos, e/ou de consoante labializada ou palatalizada $[k^w]$, $[t^j]$.

Parte-se da hipótese de que não existe semivogal no nível fonêmico sistemático do português. Assim:

a) no subcomponente fonêmico existem apenas as classes naturais das vogais silábicas e das consoantes.

b) Não existe nenhuma classe de glides $[^+ \text{rec}]$ (quer semiconsoantes, quer semivogais (j, w)).

c) Foneticamente só existe a mora glidal intrasegmental.

d) Em todos os casos, as moras são derivadas por meio de uma regra condicionada pela velocidade $[1 T]$. Trata-se de um processo natural de duas fonetizações possíveis (a outra opção seria a pausa silábica), do contato entre duas vogais.

A presente dissertação está dividida em quatro capítulos - (além da introdução e da conclusão).

O primeiro capítulo é uma análise crítica de artigos e livros pertinentes ao problema das semivogais no Português. Consta de

três partes:

- a - A abordagem da gramática tradicional.
- b - A abordagem estruturalista.
- c - A abordagem gerativista.

O segundo capítulo é dedicado à apreciação das análises já realizadas no português:

- a - As semivogais são subjacentes.
- b - As semivogais são subjacentes em distribuição restrita, e também derivadas.

O terceiro capítulo apresenta o modelo teórico adotado - neste trabalho, bem como fundamenta a proposição do capítulo quarto.

Seu conteúdo, visando focar as principais características da Fonologia Natural Pura resume-se em:

- Condicionamento fonético versus morfológico ou fonético versus fonológico?

- Subespecificações: arquisegmento ou infrasegmento?

- Produtividade absoluta ou relativa?

- Distintividade e Contrastividade.

- A controvérsia sobre a abstração subjacente - um falso

problema.

- Uma competência ideal ou várias competências reais?

- Superespecificação e estrutura intrasegmental.

- Velocidade, registros e representações subjacentes.

- Ambissilabidade e fonologia autosegmental.

O quarto capítulo é a proposição da análise de que não existe semivogal nem no input, nem no output fonológico.

Apresenta: 1a) uma amostragem representativa de todos os tipos de realizações fonéticas com mora glidal. Cada entrada lexical possui várias realizações fonéticas em função das velocidades crescentes.

1b) um conjunto completo das regras (necessárias e suficientes), com ordenação intrínseca, que dá conta de todas as realizações apresentadas na amostragem.

2) Cada regra está dentro do esquema seguinte:

- 1. Formalização
- 2. Formulação
- 3. Exemplos
- 4. Comentário eventual.

3) Derivações completas

Todo o estudo é baseado no falar culto da região da Grande Florianópolis, com dados fornecidos por professores e alunos da Universidade Federal de Santa Catarina, todos residentes no município há mais de quinze anos.

Faz-se referência ao registro dialetal, com base na amostragem da Praia da Armação.

Para as transcrições fonéticas e fonológicas optou-se pelo I.P.A. no que diz respeito às consoantes, fazendo-se algumas modificações no que concerne às vogais.

Os traços fonéticos são os mesmos usados por Mateus, com pequenas adaptações para o português do Brasil.

Acredita-se ser esta dissertação mais uma contribuição ao estudo da fonologia portuguesa. Não se pretende esgotar o assunto ou considerá-lo não-passível de refutações. O que se objetiva é levantar um problema, apresentá-lo, e discutindo as hipóteses, concluir coerentemente.

C A P Í T U L O I

1. A SEMIVOGAL NA GRAMÁTICA TRADICIONAL, ESTRUTURAL E GERATIVA

1.1. A Abordagem Tradicional

Para mostrar o posicionamento das gramáticas normativas, foram consultadas as seguintes do português: Moderna Gramática do Português, de Evanildo Bechara (1976). Gramática da Língua Portuguesa, de Celso Cunha (1976) e Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Rocha Lima (1976).

1.2. Celso Cunha (1976)

Classifica os fonemas em vogais, consoantes e semivogais. Apresenta a distinção entre vogal e consoante, dizendo que do ponto de vista articulatório as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificadas segundo a forma da cavidade bucal, que precisa estar aberta ou entreaberta à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

Outro critério de distinção é quanto à função silábica - as vogais são centro de sílaba, sempre - no português. As consoantes, ao contrário, são fonemas marginais e só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

Apesar de haver considerado, de início, as semivogais como fonemas, Celso Cunha faz uma observação a parte, dizendo:

"Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando juntos a uma vogal, com elas formam sílaba. Foneticamente, estas vogais assilábicas se transcrevem [y] e [w] (1).

Nota-se contradição em Cunha, porque considerando /i/ e /u/ como semivogais, não deveria apresentar estes fonemas no quadro fonológico das vogais do português.

Poderia distribuir os fonemas do modo seguinte:

Vogais	/e/	/o/	/ē/	/ō/
	/ɛ/	/ɔ/		
	/a/		/ã/	
Semivogais	/i/	/u/	/ĩ/	/ũ/
Consoantes	/p/	/t/	/k/	
	/b/	/d/	/g/	
	/f/	/s/	/ʃ/	
	/v/	/z/	/ʒ/	
	/m/	/n/	/ɲ/	
		/l/	/ʎ/	
		/r/	/R/	

Mas, segundo o autor, o sistema fonológico do português é composto de dezenove consoantes, sete vogais orais, cinco vogais nasais e duas semivogais.

Nas nasais apresenta um sistema de cinco vogais, excluindo /ɛ/, /ɔ/ uma vez que não ocorre nasalização nas vogais abertas do português.

Apesar de usar o termo fonema, Celso Cunha não o distingue de letra ou som. Assim, grafa 'pais' ['pajs] foneticamente, mas 'país' sem qualquer indicação fonética ou fonológica, apenas gráfica. Não usa sistematicamente barras e colchetes.

1.2.1. Encontros Vocálicos

1.2.1.1. Ditongo.

"O encontro de uma vogal + semivogal ou de uma semivogal + uma vogal recebe o nome de ditongo.

Podem ser: a) Crescentes SV + V
b) Decrescentes V + SV" (2).

Classifica, assim como as vogais, os Ditongos em Nasais e Orais, segundo a natureza oral ou nasal de seus elementos.

Apresenta um quadro apenas fonético da realização dos ditongos orais e nasais, ressaltando assim, a não ocorrência da semivogal como fonema.

Faz observações sobre os ditongos [OW] e [ɔW], dizendo que o primeiro reduz-se a [O], desaparecendo a distinção de formas como /poupa/ /popa/ - /bouba/ /boba/ e que o segundo seria a vocalização do /l/ final em: sol, terçol, realização quase geral na pronúncia carioca.

1.2.1.2. Tritongo

Encontro formado de S + V + S'. De acordo com a natureza

de seus elementos, classificam-se em orais e nasais.

1.2.1.3. Hiato.

"Encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verifica-se que:

- a) na primeira, o encontro *ai* sóa numa só sílaba: [pays]
- b) na segunda, o /a/ pertence a uma sílaba, e o /i/ a outra: pa-ís.

Conclui-se, portanto, que em 'pais' há ditongo, em *país*, hiato" (3).

Celso Cunha faz uma análise e classificação das realizações fonéticas de todos os sons do português, sem marcar a diferença entre elemento distintivo e não distintivo. E usa o termo fonema.

1.3. Evanildo Bechara (1976).

Este gramático introduz a matéria com noções distintivas de letra e fonema, fonética e fonêmica, mas no decorrer do trabalho essas distinções não são observadas.

Referindo-se à Fonêmica, afirma que esta atenta apenas para o som, não levando em consideração as variações, porque delas não tomam conhecimento os falantes da língua portuguesa. A seguir, entretanto registra:

"A fonêmica estuda o número de oposições utilizadas e suas realizações mútuas"(4).

No quadro classificatório das consoantes e das vogais Bechara não inclui o "uau" nem o "iode" como fonemas, mas ao falar nas semivogais, diz o seguinte.

"Chamam-se semivogais as vogais i e u (orais ou nasais) quando assilábicas, as quais acompanham a vogal nu na mesma sílaba. Estes encontros vocálicos dão origem aos ditongos, tri-tongos e hiatos. Representamos as semivogais i (e) por /y/ e u (o) por /w/" (5).

Há contradição no autor ao usar /y/ e /w/ entre barras, quando na página 28 afirma: "neste livro diferenciamos a letra do fonema, pondo este entre barras".

Deveria usar colchetes [] para definir o nível fonético a que pertencem as semivogais.

A página 40 mais reforça suas contradições quando colocando o "iode" e o "uau" entre barras, escreve:

"... o desenvolvimento do uau variará de acordo com as necessidades expressivas ou as peculiaridades individuais": nua=nu-a ou nu-ua; recue= re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-uo".

Falando em desenvolvimento da semivogal ele não estará sugerindo que a mesma é derivada? Por que apresentá-la, então, como fonema?

A conclusão a que se chega, é que Bechara mesmo falando em dois níveis, não os distingue, dando maior destaque à letra propriamente dita, do que aos fonemas.

1.4. Rocha Lima (1976)

Classifica os fonemas em vogais, consoantes e semivogais.

O quadro fonológico do português é constituído de sete vogais orais, cinco nasais e dezenove consoantes, não aparecendo o /j/ e /w/, apesar de classificá-los como fonema.

Para o autor, que considera a semivogal como fonema, o conceito atribuído é o seguinte: "*Semivogais são os fonemas i e u, quando ao lado de uma vogal, formam sílaba com ela*" (6).

Como se observa, há contradição na classificação, uma vez que, pelo conceito, Rocha Lima considera as semivogais alofones posicionais de /i/ e /u/.

1.4.1. Hiato -

É resultado do efeito acústico de uma sílaba terminada em vogal-base e seguida por outra terminada por vogal-base.

Fala-se de efeito acústico em fonética, não em fonologia. Registra-se aqui, que classificando as semivogais como uma classe distinta de fonemas, Rocha Lima é incoerente ao dar-lhes enfoque apenas fonético.

Não utiliza barras, / /, colchetes [] ou qualquer diacrítico para diferenciar letra, fonema e som, o que confunde e torna as definições mal formuladas.

1.5. A Abordagem Estruturalista

São muitos os trabalhos de abordagem estruturalista. Vários estudos foram consultados à procura de elementos que dessem embasamento à pesquisa.

1.5.1. Mattoso Câmara Júnior (1971, 1975, 1976, 1977).

Apresenta o sistema fonológico do português com sete vogais orais e dezenove consoantes.

O conceito de vogal coincide com o "silábico" de Bloomfield e pode-se manter na interpretação grega de serem as vogais os elementos fônicos passíveis de funcionar sós (grego: phoneēnta).

Das sete vogais, as fechadas /i/ e /u/ "Têm uma função assilábica como auxiliar de ditongo"⁽⁷⁾.

Os assilábicos que se tem de ter em vista são os de ditongos que formam contraste distintivo com vogais simples: pá - pai pau; lê - lei - leu; dô - dôi ou cal - qual.

Para Mattoso, o ditongo pode ser interpretado fonemicamente como duas vogais silábicas contíguas. Aceita-o em português, somente quando um dos elementos vocálicos é tônico.

O sistema de ditongo decrescentes portugueses é quase todo de origem românica⁽⁸⁾.

Resulta, pois, da:

- a) Predominância do acento, estabelecendo forte contraste em sílaba tônica e átona.
- b) Ditongação resultante do desenvolvimento de certas

consoantes sonoras intervocálicas, malu > mau;
caelu > céu; dedi > dei, etc.

- c) Redução das oclusivas de travamento de sílaba em posição não final, com a passagem a vogais assilábicas /i/ ou também /u/: lectu > leito;
octo > oito.

- d) Ditongação por divergência das geminadas /ee/ pela queda de /d/ intervocálico, sendo reflexo do /t/ latino, que ocorre na desinência da 2^a pessoa do plural dos verbos:

Sabedes > sabees > Sabeis.

Como se observa, Mattoso justifica a ditongação na língua portuguesa a partir das mudanças diacrônicas.

É a favor da inclusão de semivogal no quadro dos fonemas vocálicos, argumentando:

- 1 - Diminui o número de fonemas consonânticos.
- 2 - A ocorrência do /r/ depois de ditongos, é mais uma prova de que a semivogal pode ser interpretada como vogal, pois esta consoante só existe em português entre vogais. Ex.: ara, Laura (p. 36, 1975).
- 3 - A facilidade com que se passa em português de um ditongo a um monotongo (/ou/) pronunciado /ô/, por exemplo, fora do registro formal, mesmo dentro do dialeto social dito culto (p. 44, 1975).
- 4 - A variação da divisão silábica na sequência átona de qualquer vogal e vogal alta (vai-da-de ou va-i-i-dade).
- 5 - A fácil passagem de /i/ assilábico a /e/ e /u/ assilábico a /o/, como vocativo infantil : papãe

(p. 44, 1975).

Mas, ao lado dessas considerações favoráveis, Mattoso se depara com certo problema: como transcrever fonemicamente 'peito' ou 'pauta', distinguindo por exemplo um dissílabo e não um trissílabo em /peitu/ e /pauta/, correspondente a C V V C V, sempre? A solução, para ele, seria de emissão fonética.

Quanto às nasais, diz não existir fonologicamente nasalidade pura da vogal, pois por meio dela não se cria contraste distintivo com a vogal travada por consoante nasal.

Parte do arquifonema nasal /N/ "como o fato estrutural básico, que acarreta como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal" (p. 49, 1975).

O ditongo nasal é analisado como ditongo mais arquifonema nasal. Então - ãe, - ão, - õe, e [~]ui - /uiN/, a exemplo de muito ou ruim com /i/ assilábico, contrastando com rum é decorrência de - ai, - au, - õi, - ui seguidos de travamento nasal. Fonologicamente não se há de confundir com a realização da vogal nasal ditongada diante de pausa, como em 'sem mana'. Não existe, para Mattoso, o ditongo nasal /eiN/. Argumenta a favor de sua opinião, que não há oposição distintiva com a ausência do /i/ assilábico como mãe e (ir) mã, da mesma sorte que existem - ã sem /u/ assilábico (mãe: mão: (ir) mã) ou - õ e - ã sem /i/ assilábico (pom-) pom: põe, rum: ruim) (p. 50, 1975).

Referindo-se ainda à sílaba travada por /N/, baseia-se nos estudos feitos por Oskar Nobiling, sobre a pronúncia do paulista, onde subsiste o elemento nasal consonântico posvocálico diante de pausa e que tem sido interpretado como ditongo.

"Este elemento costuma ser interpreta

do como uma ditongação, que tem sido posta em relevo para /eN/ final, entendido como um ditongo nasal [bēĩ] (9).

O quadro das consoantes, em número de dezenove é apresentado em forma de triângulo, onde se visualizam as labiais, as anteriores e as posteriores (p. 79, 1977).

/p/	/b/	/f/	/v/	/m/					
/t/	/k/	/d/	/g/	/s/	/x/	/z/	/j/	/n/	/nh/
.....								
		/l/	/lh/	/r/	/r̃/				

Os fonemas /lh/ e /nh/ fazem parte dos consonânticos, e aparecem em posição intervocálica - sendo raríssimos em posição inicial e só encontráveis em empréstimos (cf. lhama em confronto com lama, nhata em confronto com nata) (p. 76, 1977).

Mattoso Câmara possui um trabalho minucioso do sistema fonológico do português, onde interpreta os fatos com muita propriedade e senso crítico.

Apresenta argumentações lógicas e a limitação de algumas de suas teorias deve-se somente à filiação dos postulados estruturalistas.

1.5.2. Reed e Leite (10)

Num estudo realizado no dialeto paulista, os autores apresentam o quadro fonológico do português com sete vogais silábicas e dezenove consoantes.

A semivogal é proveniente dos fonemas /i/ e /u/. Quando

o fonema /i/ ou /u/não é acentuado e vem imediatamente seguido de vogal na palavra, torna-se um não silábico [y] ou [w].

Apresentam, pois, a semivogal como alofone, e não como fonema distinto. Para isto, a condição é que não seja tônica e deve ser precedida ou seguida de outra vogal.

1.5.3. Robert A. Hall (1943).

Hall faz um estudo das unidades fonológicas do português no Brasil e de seus principais alofones.

Os fonemas são: lineares e não lineares.

Os primeiros em número de vinte e sete, incluindo os silábicos e os não-silábicos.

Os últimos são dois: tonicidade e nasalidade.

O 'iode' e o 'uau' são sons consonantais, variantes posicionais de /i/ e /u/.

No quadro dos fonemas silábicos tem-se:

/i/		/u/
/e/		/o/
<u>/ə/</u>		
.....		
/ɛ/	/a/	/ɔ/

Os fonemas apresentados acima da linha pontilhada ocorrem como orais e nasais, os abaixo da linha, só com orais.

Restrição faz-se ao "schwa" /ə/ como fonema no português Brasil, porque não é distinto de /a/.

1.5.3.1. Ditongo - é a ocorrência de:

- uma V e a outra ou /i/ ou /u/
- V \acute{V} - 'léal' /liai/ [ˈljaɪ].
- \acute{V} V - 'pai' /pai/ [paɪ].
- causa /kauza/ [ˈkawzə].

1.5.3.2. Para Hiato prevê outros ambientes que não sejam o acima descrito, na seqüência V + V. Isto é, /i/ e /u/ podem ser tônicos.

1.5.3.3. Tritongo - V \acute{V} V sendo vogais átonas o /i/ e /u/.

Hall continua seu estudo exemplificando o emprego das consoantes e correlaciona fonemas com representação ortográfica.

É mais um estudioso que apresenta a semivogal como derivada, mas que não aprofunda sua análise nem formula regras de ocorrência e não-ocorrência no nível fonético.

1.5.4. Eunice Pontes (1973).

Para o Sistema Fonológico do Português apresenta trinta e um fonemas, sendo dezenove consoantes e doze vogais.

As vogais são centro de sílaba. As consoantes, a periferia. As semivogais são consoantes, pois não ocupam ápice silábico.

Insurge-se contra a interpretação das semivogais como vogais, pela falta de economia em criar padrões silábicos com núcleo V V, baseando-se na ocorrência de vogal seguida de semivogal.

Considerando a semivogal como consoante, Pontes argumen

ta que:

1. O sistema ganha em simplicidade e economia, com a não inclusão de uma terceira classe - a das semivogais.
2. Não se criarã padrões silábicos com o núcleo V V.

Defende o ponto de vista da conservação na escrita fonêmica da semivogal, pela pressão estrutural dos padrões silábicos. Afirma que estruturalmente, diante de pausa, tanto pode haver ocorrência de vogal seguida de semivogal, como de silêncio. Existe contraste neste ambiente, entre /w/ e /y/, o que evidencia não ser previsível a ocorrência da semivogal. Como exemplo: /bōw/ opõe a /pōj/ e /hūw/ a /hūj/ (11).

À página 20, apresenta exemplos do quadro consonantal do português, de onde se acham excluídos os fonemas /ʎ/ e /ɲ/. Argumenta a favor de seu posicionamento, que considera o fonema /ɲ/ variante de /y/, e /ʎ/ é interpretado como a seqüência /ly/- porque não existe na língua coloquial o contraste sugerido pela escrita.

Além de apresentar /h/ como semivogal, tendo variantes [h], [x] e [y], Pontes refere-se à formação da glide consonantal homorgânica e a exemplifica:

	/pīta/	[pī ^m ta]	'pinta'
/ī/	/nību/	[nī ^m bu]	'nimbo'
	/sīku/	[sī ^ɲ ku]	'cinco'

Pode-se concordar com a autora, quando considera apenas duas classes do sistema fonológico do português: a das vogais e a das consoantes, pelo princípio de economia e simplicidade que traz para a língua. Mas suas considerações sobre as semivogais não po

dem ser endossadas plenamente, pelas limitações impostas à corrente filiada.

Quanto às variantes nasais [ỹ] e [ñ] e às glides conso_nânticas nasais homorgânicas, são resultantes de uma consoante nasal - e não da vogal que as precede - aproveitando dessa, apenas o ponto de articulação.

Adota-se a posição Mattosiana de que a vogal nasal é derivada da seqüência vN, simplificando o sistema vocálico de doze para sete vogais, no português.

Dentro da fonologia gerativa, um dos aspectos importantes é o fato que regras fonológicas podem suprimir, adicionar e permutar elementos durante o processo de geração da sentença, dando maior abertura aos estudos empreendidos.

Pode-se afirmar que o critério distribucional adotado pela autora em relação à semivogal, não apresenta maior validade para a gramática gerativo-transformacional.

1.5.5. Bowen e Stockwell (1955).

Discutem os autores o problema das semivogais no espanhol.

Com um 'corpus' bastante significativo, recolhido de trinta falantes espanhóis de alguns lugares da América Latina, durante cerca de dois anos, e em contato com centenas deles no Instituto de Serviços Estrangeiros, fizeram um estudo sobre as semivogais [y] e [w].

Sugerem que os alofones [y] e [w], em formas como 'bien' e 'bueno' sejam atribuídas aos fonemas /y/ e /w/. Justificam pa

ra isso: similaridade fonética, padrão de congruência e simplicidade morfofonêmica. Com exemplos, procuram justificar seu ponto de vista.

Apresentam ambientes contextuais da ocorrência do [y] e [w], que segundo os autores dá maior validade à hipótese lançada. Afirmam que a técnica dos pares mínimos não responderá à pergunta se na fonêmica 'bien' é /'byen/ ou /bi'en/ e se 'bueno' é /'bweno / ou /bu'eno/. Estão cientes de que a análise estrutural não dá conta destes problemas.

Para o espanhol, a exemplo do português, o número de sílabas no vocábulo varia com o número de vogais.

Stockwell e Bowen conceituam a sílaba como uma unidade real, definível como menor segmento de produção que um falante nativo pode prolatar, de forma isolada, em resposta a um pedido: "Diga tão devagar quanto possa"⁽¹²⁾.

~~Adotando o critério distribucional os autores não solucionam o problema das semivogais do espanhol.~~

Há outros estudos sobre o assunto⁽¹³⁾ com resultados diferentes dos aqui postulados por Bowen e Stockwell.

1.6. A Abordagem Gerativista

1.6.1. Maria Helena Mira Mateus (1975)

Aspectos da Fonologia Portuguesa, notadamente a flexão verbal e o vocalismo átono são objetos de estudo da análise fonológico-gerativa de Mateus.

Utiliza, para classificar os elementos fonéticos e fonológicos, o sistema de Chomsky e Halle (1968), por considerar o melhor para o estudo em questão.

Classifica os fonemas como vogais e consóantes, considerando as semivogais "como variantes de vogais que perderam a qualidade fundamental de constituírem núcleo de sílaba (14).

Estas vogais nem sempre são o /i/ e /u/ subjacentes.

À página 106, referindo-se a verbos na quinta pessoa do indicativo presente, onde há a manifestação de um [d] na superfície, quando precedido de um [r] afirma:

"A vogal da característica aparece em superfície, nestas formas verbais como /ə/; tendo presente a regra geral do vocalismo átono que torna o /e/ subjacente [+alt] - quando não [+rec] acentuado, considero que a vogal /e/ se encontra na representação fonológica da V p" (15).

As semivogais atribui os traços [sil], [cons] e [rec], visto serem os únicos elementos [-sil] e [-cons] do sistema fonético; distingue-os apenas pelo traço [rec]. Então [j] → [-rec] e [w] → [+rec].

Mira Mateus argumenta a favor da utilização do termo 'semivogal' em lugar de 'glide', pela vantagem de evitar ambigüidades e esclarecimentos ocasionais.

Abordando o Hiato, destaca a tendência de se desfazerem pela manutenção em superfície, de uma semivogal derivada.

No que se refere à semivogal, a autora se limita a essas poucas observações, aprofundando o seu estudo nas flexões verbais propriamente ditas.

A página 22, ao identificar os traços das semivogais Ma teus, que nas derivações as apresenta como derivadas, coloca-as en tre barras. (/j/ - rec ; /w/ + rec).

Considera-se um lapso, uma vez que no decorrer do traba lho as trata sempre como realidade fonética e não fonológica.

1.6.2. Celso Pedro Luft (1976).

Na análise da gramática de Celso Pedro Luft observa-se que o autor se desprende do tradicionalismo das gramáticas ao nível de 1º e 2º graus, usando termos técnicos, lingüísticos, não usuais nos trabalhos de gramáticos.

De um modo geral, as gramáticas dividem-se em três par tes. Esta forma de apresentação é alterada na de Luft, que insere o estudo da Fonologia na parte terceira de seu livro. Justifica sua preferência pelo termo Fonologia, dizendo que modernamente prefere-se chamar por tal nome a parte da gramática que considera os sons como elementos distintivos e funcionais da língua.

Fonética seria o termo reservado à disciplina auxiliar da Lingüística, que se ocupa dos sons da fala, do seu aspecto mate rial, físico-acústico.

Classifica os fonemas em quatro classes:

A - Segmentais / supra segmentais

B - Surdos / sonoros

C - Orais / nasais

D - Vogais / consoantes.

O item 'D' torna-se repetitivo, uma vez que no 'A' con sidera como fonemas segmentais as vogais e as consoantes, e no 'D'

inclui novamente estes fonemas. As semivogais são consoantes, por que assilábicas.

"Soam progressivamente com uma vogal no centro de sílabas: aI, Iodo/ aO qual - na realização fonética; na estrutura subjacente as "semivogais" ou "semiconsoantes" da fala são vogais (/i,u/) (16).

Para Luft, Ditongo seria um "grupo vocálico pronunciado na mesma sílaba e constituído de vogal silábica ou base, e de uma vogal auxiliar assilábica, que em português é uma das semivogais - /y/ ou /w/" (p.165). Houve contradição. Se a semivogal é derivada, como considerá-la fonema?

E continua:

"... a ditongação é um fenômeno fonético, não fonológico, dependente de contexto (...). As semivogais não são fonemas, e sim realização assilábica dos fonemas, explicável por regras fonológicas" (17).

Sua incoerência está em usar o 'iode' e o 'uau' entre barras - /y/ e /w/-, não entre colchetes, representando com acerto o nível fonético a que pertencem realmente.

1.6.3. Maria Conceição Serra (1977) ..

Em dissertação de Mestrado da PUC de Campinas, faz a autora um estudo sobre as semivogais no português. A análise, dentro dos parâmetros da Gramática gerativo-transformacional, trata da existência de 'glides' subjacentes em distribuição restrita e de 'glides' derivadas.

Seu estudo investiga, também, a interpretação da lateral [l'] e da nasal [ñ] e mostra que essas consoantes se manifestam paralelamente. Aborda, ainda, um processo de reestruturação, com relação às manifestações superficiais de [l'], [n'] e [ñ].

Pesquisa as semivogais, suas várias ocorrências e obtém resultados, que não se coadunam, em parte, com a proposta que se faz no quarto capítulo.

Uma restrição à sua análise é que em certas partes limita as observações ao registro formal e informal no nível culto, abrangendo em outras o nível vulgar. Ampliando, de um modo geral seu estudo aos dois níveis, não faria afirmações, tais como:

"A sequência [ɛj] só ocorre no final de vocábulo e seguido de S (marca fonológica do plural).

Para o nível culto isto é válido, mas não para o menos culto, pois se encontram formas verbais como 'inteiro' e 'aleijo' com as superficializações:

$$\begin{array}{ccc} [a'ɛɛjʒu] & \sim & [a'|ɛʒu] \\ [i^n'tɛjru] & \sim & [i^n'tɛru] \end{array}$$

A seguir, à página 31, apresenta como exemplo do diton

go [áw]:

[a w' r ɔ r ɐ] ~ [o' r ɔ r ɐ]
 [a w t o' m ɔ v e w] ~ [o t o' m ɔ v i]

onde as realizações não são do registro formal.

O problema do acento não é enfocado com profundidade. A regra das proparoxítonas tal como está formulada, tem capacidade gerativa muito forte. A certa altura do trabalho diz:

(...) *resolvido o problema da acentuação, procedamos à análise* (18).

Mas, na verdade, não o resolve.

Serra apresenta o sistema fonológico do português com sete vogais, duas semivogais e dezoito consoantes, acarretando para a língua mais uma classe de fonemas.

A 'glide' glotal [ʔ] é derivada, e aparece para desfazer seqüências vocálicas.

Não se aceita a afirmativa que é fisiologicamente impossível a realização da seqüência ai.

A autora procura, também captar os comportamentos e tendências observadas pelas semivogais, além da motivação na função exercida.

Outros aspectos da análise de Serra serão discutidos no segundo capítulo.

1.7. Conclusão

Pelo estudo realizado conclui-se que:

1. Os gramáticos não apresentam uma solução coerente sobre o problema das semivogais. Apresentam-nas ora como subjacentes, ora como derivadas de /i/ ou /u/. Os que as consideram derivadas, inadvertidamente incluem-nas no quadro fonológico.

Limitados pela N.G.B citam estudos lingüísticos, mas não mantêm distinções. Assim registram diferenciações entre letras, fonemas, fonética e fonologia, mas não as observam na prática.

2. Os estruturalistas apresentam soluções que são questionáveis. Partem de critérios superficiais e por seus próprios postulados científicos, não conseguem solucionar os problemas.

Mattoso Câmara apresenta argumentações lógicas, só não conseguindo vencer as limitações por ele enfocadas, devido à doutrina a que se filiou.

3. Os trabalhos gerativistas, não se prendendo a contrastes superficiais, têm capacidade de, através de regras, itens e processos, fazer uma análise que se possa dizer simples e econômica para o sistema.

Os resultados conflitantes são pois, consequência da teoria e do método utilizado pelos lingüistas em seus estudos.

NOTAS DO CAPÍTULO I

- (1) Cunha, 1976, p. 46.
- (2) Cunha, 1976, p. 57.
- (3) Cunha, 1976, p. 58-9
- (4) Bechara, 1976, p. 28.
- (5) Bechara, 1976, p. 38.
- (6) Rocha Lima, 1976, p. 18.
- (7) Mattoso Câmara, 1977, p. 55.
- (8) Mattoso Câmara, 1976, p. 65.
- (9) Mattoso Câmara, 1975, p. 48
- (10) Reed e Leit fizeram este estudo em 1943, mas só foi publicado - em 1947, in Phonemics, de Pike.
- (11) Postes, 1973, p. 28.
- (12) ~~"Say it as slowly as you can!", 1955, p. 401.~~
- (13) Sol Saporta faz um estudo sobre as semivogais espanholas, analisando criticamente os resultados obtidos por Bowen e Stockwell, 1956, p. 405.
- (14) Mateus, 1975, p. 19.
- (15) Mateus, 1975, p. 106.
- (16) Luft, 1976, p.162.
- (17) Luft, 1976, p. 166.
- (18) Serra, 1977, p. 23.

C A P Í T U L O I I

2. INTRODUÇÃO

Face às divergências entre gramáticos e lingüistas sobre a análise dos segmentos 'j' e 'w' em português, analisam-se neste trabalho três hipóteses:

1. As semivogais são subjacentes.
2. As semivogais são subjacentes em distribuição restrita e, derivadas nos demais casos.
3. As semivogais nunca são subjacentes.

Eunice Pontes, Back e Mattos, entre muitos lingüistas, defendem a primeira hipótese, afirmando que 'y' e 'w' estão incluídos no sistema fonológico do português, como fonemas.

Dentro dos postulados estruturalistas a que estão filiados, limitados pelas suas teorias e tipos de análise de item e arranjo, procuraram solucionar o problema das semivogais no português.

2.1. Análise I - As semivogais são os fonemas /y/ e /w/

Para a análise das semivogais como fonemas distintos /y/ e /w/, levar-se-á em consideração que para cada realização de superfície, haverá uma subjacente correspondente.

É este tipo de posicionamento, até certo ponto bastante cômodo, pois para derivar as formas superficiais basta aplicar a regra geral da acentuação que forma os paroxítonos, para os vocá

búlos simples. Acrescentando-se a regra de Truncamento da vogal anterior à junctura de morfema, se o elemento for vogal, dar-se-á conta dos vocábulos compostos.

Proceder-se-á, pois, à análise dessa primeira hipótese.

2.1.1. As semivogais [- rec] e [+ rec] na seqüência V + S: Ditongo Decrescente.

Ditongos Orais Decrescentes

Os ditongos orais são:

a) # a j #	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'caixa'	# k a j s a #	[k a j s a] {k a s a}
'baita'	# b a j t a #	[b a j t a]
'vaidade'	# v a j d a d e #	[v a j 'd a d i] w [a i 'd a d i]
'gaitas'	# g a j t a s #	[g a j t a]
'Zaida'	# z a j d a #	[z a j d a]
b) # a w #		
'cauda'	# k a w d a #	[k a w d a]
'paulada'	# p a w l a d a #	[p a w 'l a d a]
'aula'	# a w l a #	[a w l a]
'saudade'	# s a w d a d e #	[s a w 'd a d i]
'palco'	# p a w k o #	[p a w k u]

Para os vocábulos acima não há problema de derivação. É suficiente a aplicação da Regra do Acento e da Regra do Levantamento da Vogal Postônica.

Poder-se-á fazer uso, também, de uma regra opcional de palatização do 's' em posição final de vocábulo.

Observa-se a monotongação da seqüência [aj] quando precede [ɣ]

(1.2) Regra de redução do [a j]

$j (\emptyset) / a \rightarrow [\gamma]$

Ex.: $['b a j \gamma u]$ \rightarrow $['b a \gamma u]$

Em alguns contextos o ditongo [a w] reduz-se a [o]. Essa monotongação geralmente, só ocorre quando seguido de [r] ou de [t], e se for inicial e átono:

$[a w 'r \gamma r e] \sim [o 'r \gamma r e]$

$[a w t o 'm \gamma v e w] \sim [o t o 'm \gamma v i]$

Há ocorrência diante de [d] no vocábulo 'saúde'

$[s a w 'd a d i] \sim [s o 'd a d i]$

(2.2) Regra de elevação do /a/

$\left[\begin{array}{c} v \\ + \text{rec} \\ - \text{arred} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} -b \ x \end{array} \right] / \left[\begin{array}{c} \text{---} \\ -ac \end{array} \right] \text{ (S) \#}$

Assim, ter-se-á as derivações:

	# k a j } a #	# a w l a #
1. Acento prop.	$['k a j } a]$	$['a w l a]$
2. Regra (2.2)	$['k a j } e]$	$['a w l e]$
	$['k a j } e]$	$['a w l e]$

Para o registro não formal utilizam-se as regras de monotongação.

c) # ε j # , # ɔ j # , # ε w # , # ɔ w #

A seqüência [εj] "geralmente" só ocorre em final de vocábulo e seguido de plural.

A seqüência [ɔj] apresenta, quase sempre, o mesmo contexto de [εj] - final de vocábulo - mas não necessita, "obrigatoriamente", de ser seguida de marca de plural.

Esta análise não explica uma série de realizações no nível da fonética sistemática, tanto com a semivogal [+rec] como com a [-rec]. Por exemplo.:

j # , # j

'papéis'	# p a p ε j + s #	[p a'p ε j s]
'anéis'	# a n ε j + s #	[a 'n ε j s]
'bordéis'	# b o R d ε j + s #	[b o R'd ε j s]
'coronéis'	# k o r o n ε j + s #	[k o r o 'n ε j s]
'pés'	# p ε j + s #	['p ε j s]
'caracóis'	# k a r a k ɔ j + s #	[k a r a'k ɔ j s]
'anzóis'	# a n z ɔ j + s #	[ε ⁿ 'z ɔ j s]
'ovóide'	# o v ɔ j d e #	[o'v ɔ j d i]
'mói'	# m ɔ j #	['m ɔ j]

Em dados recolhidos na Praia da Armação obteve-se a realização de [ɛj] em outro contexto que não os acima mencionados.

Assim, formas verbais como 'inteiro' e 'aleijo' tiveram as superficializações:

$$[a'lɛjɔ] \sim [a'lɛɔ]$$

$$[i^n'tɛjɔ] \sim [i^n'tɛɔ]$$

onde as monotongadas se fizeram frequentes. Daí:

$$(3.2.) \quad j \rightarrow (\emptyset) / \quad \text{---} \quad \left. \begin{array}{l} \{r\} \\ \{j\} \end{array} \right\}$$

# ɛw#	# ɔw#	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'Imelda'		# i m ɛ w d a#	[i'mɛɪ dɛ] i'mɛw dɛ
'chapêu'		# ɔ a p ɛ w #	[ʔ a p ɛ w]
'céu'		# s e w #	[s ɛ w]
'coronel'		# k o r o n ɛ w #	[k o r o 'n ɛ w]
'papel'		# p a p e w #	[p a 'p ɛ w]
'Olga'		# ɔ w g a #	[ɔ t ɛ e] ~ ɔ w g ɛ
'caracol'		# k a r a k ɔ w #	[k a r a 'ɔ w]
'arrebol'		# a R e b ɔ w #	[a R e 'b ɔ w]
'sol'		# s ɔ w #	[s ɔ w]

As formas do singular [k a r a 'k ɔ w], [k o r o 'n ɛ w], [ʔ a 'p ɛ w], não explicam as respectivas do plural [k o r o 'n ɛ j ʔ], [k a r a 'k ɔ j ʔ], nem as cognatas, encaracolado, chapeleiro, chapelaria, etc....

Alguns itens são derivados facilmente, mas outros não dão conta de certas realizações na fonética sistemática.

Como justificar as superficializações [i'm ε l d ε], [i'm ε f d ε], se na fonêmica há a seqüência /ε w/ ?

e j # e # e w

O ditongo [e j] na fala informal pode monotongar-se, realizando-se como [e].

O ditongo [ew], quando em início de vocábulo e átono, pode reduzir-se a [o].

# e j #	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'cadeira'	# k a d e j r a #	[k a'd e j r ε] ~ [k a'd e r ε]
'manteiga'	# m a n t e j g a #	[m ε ⁿ 't e j g ε] ~ [m ε ⁿ 't e g ε]
'beijo'	# b e j } o #	['b e j } u] ['b e } u]
'eixo'	# e j } o #	['e j } u] ['e } u]
'queixume'	# k e j } u m e #	[k e j' } ũ m i] [k e' } ũ m i]
# e w #		
'europeu'	# e w r o p e w #	[e w r o' p e w] ~ [o r o' p e w]
'Eurico'	# e w r i k o #	[e w 'r i k u] ~ [o 'r i k u]
'Irineu'	# i r i n e w #	[i r i' n e w]
'Eunice'	# e w n i s e #	[e w' n i s i] ~ [o' n i s i]
'meu'	# m e w #	[m e w]

(4.2.) Redução do e j

$$j \quad (\emptyset) / e \text{ --- } \left. \begin{array}{l} r \\ \} \\ \} \end{array} \right\}$$

Não se inclui o /g/ na regra (4.2), porque encontrou-se es sa realização em apenas dois vocábulos: 'manteiga' e 'amanteigado'.

Derivação de 'eixo'

1. Acento

2. Regra (4.2.) (opc)

3. Elevação da vogal
postônica

e j } o

[éj}o]

[ejo]

[éj_u]

[eju]

f) # o j #

e

o w

~~Comporta-se a seqüência [o j] da mesma maneira que [a j]~~
e [e j], estando, entretanto, menos sujeita à redução que as aqui -
analisadas.

Observou-se a monotongação no registro formal, em apenas um vocábulo: 'moirão', variante de 'mourão'.

m o j r ā w # [m o j' r̄ ɸ̄ w] ~ [m o ' r̄ ɸ̄ w] ~ [m o e j' r̄ ɸ̄ w] ~
[m o e , ' r̄ ɸ̄ w]

Outro vocábulo com a seqüência [o j] foi tritongado com a epêntese de [a] e fechamento da prepositiva 'goiaba'.

g o j a b a # [g o j' a b̄ ɸ̄] ~ [g o i' a b̄ ɸ̄] [g w a j' a v̄ ɸ̄]
[g w a j' a b̄ ɸ̄]

A seqüência [o w], tônica ou átona, em qualquer posição ou ambiente, tende a uma redução na fala informal.

[o w] → [o] ~ [u]

Logo:

# o w #	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'ouro'	# o w r o #	['o w r u] ~ ['o r u]
'couro'	# k o w r o #	['k o w r u] ['k o r u]
'louça'	# l o w s a #	['l o w s ɸ̄] ['l o s ɸ̄]
'soube'	# s o w b e #	['s o w b i] ['s o b i] ['s u b i]
# o j #		
'coisa'	# k o j z a #	['k o j z ɸ̄]
'poita'	# p o j t a #	['p o j t ɸ̄]
'moita'	# m o j t a #	['m o j t ɸ̄]
'noite'	# n o j t e #	['n o j t i]

g) # u j # e # u w #

A seqüência [u j] não apresenta problemas nas derivações nominais, a não ser no vocábulo 'pauis'. Entretanto com formas de verbos: 'possui', 'possuí', 'possuímos', 'diluí', etc..., não encontra solução.

Há ocorrência de [u j] variando com [o j] e [ɔj] em certos vocábulos do nível vulgar.

	[u j] —————> [ɔj]
'intrui'	[ĩ ⁿ } 't r u j] [ĩ ⁿ } 't r ɔ j]
	[u j] —————> [o j]
'cuidado'	[k u j 'd a d u] [k o j 'd a d u]

Fonêmica

Fonética

'fui' # f u j #

['f u j]

'azul' # a z u w #

[a 'z u w]

'pulga' # p u w g a #

[p u w g a]

h) # i j #

e

i w

# i j #	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'pia'	# pija #	['pi'v] ~ ['pijɐ]
'fria'	# frija #	['fri'v] ~ ['frijɐ]
'sabia'	# sabija #	[sabi'v] [sa'bijɐ]
'folia'	# folija #	[fu'li'v] [fulijɐ]

i w

'funil'	# funiw #	[funiw]
'fácil'	# fasiw #	['fasiw]
'barril'	# baRiw #	[bɑ'Riw]
'difícil'	# difisiw#	[di'fisiw]
'pernil'	# peRniw #	[peR'niw]

Vocábulos do tipo 'barril', 'funil' e 'pernil' devem ser marcados no léxico como oxítonas para a acentuação.

2.2 Ditongo Crescente S + V

Para a análise dos ditongos crescentes, parte-se da hipótese de que para cada realização da semivogal na fonética sistemática, há uma correspondente na fonêmica.

Analisa-se simultaneamente as seqüências com os segmentos [+ rec] e [- rec].

a) # j a # e # w a #

A seqüência [ja] , em posição inicial de vocábulo, é muito limitada na língua. Neste caso, são termos de origem indígena ou africana, não apresentando problemas de derivação na realização informal.

A seqüência [wa] , também é pouco encontrada no início de vocábulos. Tanto esta, como aquela, podem estar em posição final ou medial. Na final há diferença de realização fonética para os registros formal e informal.

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'Iara'	# jara #	['jarɐ]
'iaia'	# jaja #	[ja'ja]
'sábia'	# sab ja #	['sɒbj]
'história'	# istɔrja #	[i.s'tɔrjɐ]
'Walace'	# walase #	['walasi]
'tábua'	# tabwa #	['tabwɐ]
'equador'	# ekwadoR #	[é kwádoR]
'guarda'	# gwaRda #	['gwaRde]

Alguns dos itens acima, ao superficializarem-se com vogal alta, geram problemas para esse tipo de análise.

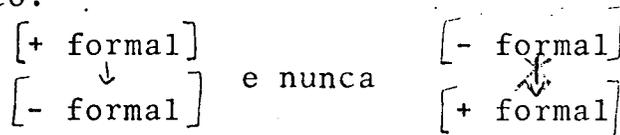
Ex.: [tabuɐ]
[tarɐ]

b) #jɛ#, #jɔ#, #wɛ#, #wɔ#

Com os Ditongos crescentes superficiais abertos, as formas da Fonêmica-Sistemática não justificam muitas das realizações da fonética, tais como:

	Fonêmica	Fonética
'quieto'	#kjɛto#	[kʲɛtu] ~ [ketu] ~ [ki]ɛtu]
'dieta'	#djɛta#	[dʲɛtɐ] ~ [di]ɛtɐ]
'piegas'	#pjɛgas#	[pʲɛgɐ] ~ [pi]ɛgɐ]
'Iete'	#jɛte#	[jɛti] ~ [i]ɛti] ~ [i]ɛti]
'ioga'	#jɔga#	[jɔgɐ] ~ [i]ɔgɐ]
'periódico'	#perjɔdiko#	[pe]rjɔdiku] [peri]ɔdiku]
'goela'	#gwɛla#	[gʷɛlɐ] [gu]ɛlɐ] ~ [go]ɛlɐ]
'ruela'	#Rwɛla#	[Rʷɛlɐ] [Ru]ɛlɐ]
'moela'	#mwɛla#	[mʷɛlɐ] [mu]ɛlɐ] ~ [mo]ɛlɐ]
'monstruosa'	#monstrwɔza#	[mõ ⁿ]trwɔzɐ] [mõ ⁿ]truɔzɐ] ~ [mõ ^w]truɔzɐ]
'aquosa'	#akwɔza#	[a]kwɔzɐ]

Pelas superficializações da fonética-sistemática, observa-se a limitação da presente análise. Há problemas nas seqüências, para a derivação do registro formal. É um universal lingüístico a exigência de que o registro formal, mais lento, deva derivar o informal, menos lento.



c) #j o #, #j e# - #w o#, #w e#

Apresentam problemas similares aos demais, pois não derivam da fonêmica-sistemática, as correspondentes formadas do registro formal.

Assim #jodo# e #aljenar# não derivam [i'odu] e [alie'naR].

Nos dados da Praia da Armação, (nível vulgar) têm-se realizações, tais como:

[j o]	→	[i]
[muni'sipjo]	→	[muni'sipi]
[j e]	→	[i]
[supere'fisjê]	→	[supere'fisi]

Pela saída da fonética-sistemática destas duas formas, observa-se a produtividade das paroxítonas.

As seqüências com a semivogal [+ rec] são pouco frequentes na língua.

'mútuo'	# mutwo#	['mutwu]
'profícuo'	# profikwo#	[profikwu]
'bilingüe'	# bilingwe#	[bilĩ'gwe] ~ [bilĩ'gwi]
'tênue'	# tenwe#	['tenwe] ~ [tenwi] ['tenuj]

d) # j i# # w i#

Não se observou a seqüência /ji/ nos nados coletados.

Vocábulos do tipo 'lingüiça', com /wi/ na fonêmica-sistemática, não apresentam dificuldades na derivação.

Fonêmica

Fonética

'lingüiça'

lingwisa

[li ŋ'gwisə]

'eqüino'

ekwino

[ekwinu]

Derivação de # ekwino #

1. Acento #ekwíno #

2. Elev. da vogal [ekwínu]

postônica [ekwinu]

2.3. Ditongos Nasais

Considera-se que os vocábulos que apresentam o ditongo nasal na fonética sistemática, o contêm, também, no nível fonêmico.

Assim, esta análise considera a hipótese da existência

da vogal nasal no sistema fonológico do português.

V + S

a) # Ƀ j # , # ẽ j # - # ã w #

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'pães'	# pãj+s #	['pɃj]
'mãe'	# mãj #	['mɃj]
'homem'	# omẽj #	['õmẽj]
'porém'	# porẽj #	['põrẽj]
'ôrgão'	# ɔRgãw #	[ɔRgɃw]
'andam'	# Ƀ dãw #	['Ƀ ⁿ dɃw]
'órfão'	# ɔRfãw #	['ɔRfɃw]

b) # wã # , # we # , # wĩ # , # jã #

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'quando'	# kwãdo #	['kwɃ ⁿ du]
'quantia'	# kwãtia #	[kwɃ ⁿ tiɃ]
'ianque'	# jãke #	['jɃ ⁿ ki] ~ ['i'Ƀ ⁿ ki]
'quinqüênio'	# kwĩkwẽnjo #	[kwĩ ⁿ 'kwẽnjo] ~ [kwĩ ⁿ 'kwenju]

2.4.. Seqüências com V + S + V

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
a)	# aja # e # aju #	
'praia'	# praja #	['prajɐ]
'saia'	# saja #	['sajɐ]
'lacaia'	# lakaja #	[la'kajɐ]
'caio'	# kajo #	['kaju]
'saio'	# sajo #	['saju]
'balaio'	# balajo #	['balaju]
'paio'	# pajo #	['paju]

As formas nominais derivam-se com facilidade. As ver bais nao derivam o infinitivo, nem formas onde ha a superficializa-
ção com a vogal alta 'i'.

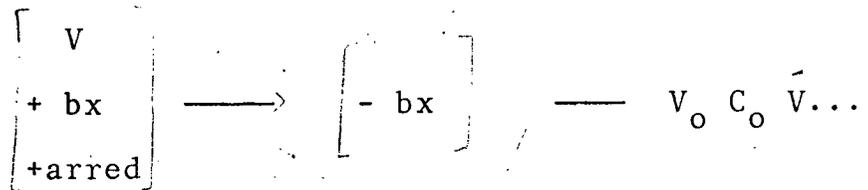
saia (vb)	sair	sairei	saímos
caio (vb)	cair	caíamos	cairdes, etc...

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
b)	# ja # , # ja # , # ju #	
'Enéias'	# enɛjas #	[ɛnɛjas] ~ [ɛnɛɐs]
'geléia'	# zelɛja #	[zɛ'lɛjɐ] ~ [zɛlɛɐ]
'estréia'	# estreja #	[ɛs'trejɐ] ~ [is'trɛɐ]

'bóia'	# boja #	['bojã]
'apóia'	# apoja #	['apɔjɐ]
'tipóia'	# tipoja #	[tipɔjɐ]
'bóio'	# bojo #	['boju]
apóio'	# apojo	['apɔju]

A sequência [ɔjɐ] dá conta de todas as formas dos verbos 'apoiar' e 'boiar'. Isto ocorre porque quando [ɔ] for átono, sofre levantamento.

(5.2) Levantamento do [ɔ]



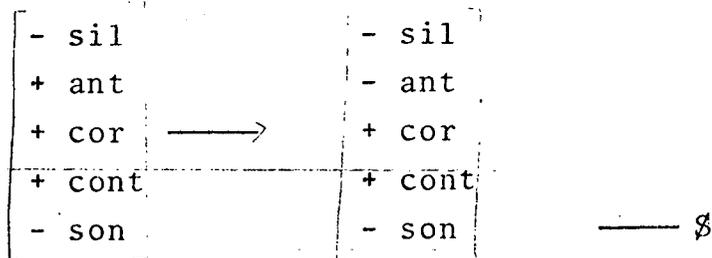
Derivação de # bojajs#

1. Acento oxítona bojájs

Regra (6.2) [bojájɔ]

(opc.) [bojájɔ]

(6.2.) Palatalização do /s/ (opc.)



	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
	c) # eja # e # eju #	
'ceia'	# seja #	[seje]
'sereia'	# sereja #	[se'reje] [se're'e]
'areia'	# areja #	[a'reje] [a're'e]
'passeia'	# paseja #	[pa'seje] pa'se'e]
'creio'	# krejo #	['kreju]
'passeio'	# pasejo #	[pa'seju]
'meio'	# mejo #	[meju]

Como se explica a realização de 'se'aR' ? E o infinitivo de 'passeio'?

Ter-se-ia que prever uma forma da fonêmica-sistemática # p a s e o # e inserir uma semivogal [- rec], levando-se em conta a tonicidade e a anterioridade da primeira vogal.

A semivogal está na forma subjacente:

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
	d) # owa # e # owo #	
'canoa'	# kanowa#	[ka'nowe] [ka'no'e]
'broa'	# browa#	[browe] [bro'e]
'pessoa'	# pesowa#	[pe'sowe] [pe'so'e]
'boa'	# bowa#	[bowe] [bo'e]

'voa'	# vowa #	['vowə]	
'mão'	# mowo #	['mowo]	['mowu]
'vão'	# vowo #	['vowo]	['vowu]
'corôo'	# korowo #	[ko'rowo]	[ko'rowu]
'enjôo'	# ẽ jowo #	[ẽj ɔowu]	[ẽj ɔowu]

A forma da fonêmica-sistemática não explica as realizações de 'voar', 'voamos', 'moer', 'moemos', nem ['vwaR] e ['vwẽmuɔ]- no registro menos formal.

2.5. Tritongos

Tritongos Superficiais.

Orais: S + V + S

~~Nasais: S + Ṽ + S~~

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'igual'	# igwaw #	['igwaw]
'iguais'	# igwajs #	['igwajɔ]
'adverbial'	# adveRbjaw #	[adiveRbjawɔ]
'saguão'	# sagwāw #	[sa'gwāw]
'enxaguam'	# ẽj ɔ agwāw #	[ẽj ɔ agwāw]
'frequente'	# frekwējte #	[frekwējtɔ]

A realização dos tritongos, quando em final de vocábulo e em formas nominais, faz-se diferentemente para as formas de singular e de plural.

2.6. Conclusão

Essa análise, considerando o /j/ e o /w/ na fonêmica - sistemática em todo e qualquer caso em que se manifestam na fonética, apresenta muitas desvantagens para o sistema:

1. Restrições pela existência na fonêmica-sistemática de formas diferentes para derivar [animaw], [animaj], [animalidade], [karákɔw], [karákɔj], ['ɔRfɸ] [ɔRfɸ'natu], [papɛw], [papela'ria] entre outros.
2. Não explica a realização formal com a vogal alta [+ ant], em itens que se realizam com essa vogal [i] e não com a semivogal [j]. 'Vaidoso' pode superficializar-se como [voj'dozu], trissílabo - ou como [vai'dozu], polissílabo. Aqui se realiza na fonética-sistemática com a vogal alta e não com a S.
3. Formas verbais do tipo 'dilui', 'possui', 'cai' trazem conseqüências problemáticas para as demais formas dos verbos como: 'diluí', 'diluíste', 'possuí' - 'caíra', 'caíste', entre outras, ampliando desnecessariamente o número de alomorfes de variantes morfológicas subjacentes.
4. Itens do tipo 'barril', 'animais', 'anzol', precisam de ser marcados no léxico para a acentuação, o mesmo acontecendo com os do tipo 'ilíaco'.

Como vantagem apresenta fácil derivação de formas do tipo 'guarda' e 'lingüiça'.

Conclui-se, pela exposição feita, que a hipótese analisada não satisfaz às exigências de simplicidade e economia para o sistema.

2.7. Análise II - As semivogais são os fonemas /j/ e /w/ em distribuição restrita, e são derivadas em alguns contextos.

Enquanto a primeira análise defende a hipótese das semivogais serem subjacentes, representadas pelos fonemas /j/ e /w/, Maria Conceição Serra admite a existência de semivogais subjacentes em distribuição restrita, e de derivadas.

Adota os fonemas /j/ e /w/, ainda que de uso limitado, quando não há diferença de prolação nos registros formal e informal, como no vocábulo 'língua', ao lado das correspondentes derivadas [j] e [w], quando não registra tais distinções, não oferecendo simplicidade nem economia para o sistema.

Argumenta que se as semivogais têm superficialmente comportamentos distintos, devem ser subjacentemente diferentes.

Agrupa as seqüências vocálicas em:

Grupo I - Ditongos decrescentes.

Grupo II - Ditongos crescentes.

Grupo III - Ditongos nasais, crescentes e decrescentes.

Grupo IV - Seqüência V + S + V.

Estes grupos, por sua vez, são subdivididos em outros, que tentam englobar as várias realizações da fonética-sistemática. Fazendo um inter-relacionamento entre os vários itens dos grupos acima mencionados, Serra conclui que a Semivogal no português pode ter dois comportamentos distintos:

1. Ou é constante, isto é, está presente nas flexões, derivações, fala formal e informal;
2. Ou é inconstante, aparecendo ora a S [+ post], ora a [- post], ora a glotal, ora uma vogal alta, ora

uma consoante lateral, ora uma consoante nasal, e ainda a tendência da S retornar à vogal [+alt] na fala formal.

Apoiando-se em suas argumentações, propõe a hipótese - que se analisa a seguir.

2.8. As semivogais são subjacentes em distribuição restrita.

O /j/ e o /w/ são fonemas e fazem parte do nível fonêmico-sistemático do português.

Sendo assim, as semivogais estão presentes em todos os itens que não apresentam alternância alomórfica.

	<u>Fonêmica</u>	<u>Fonética</u>
'caixa'	# kajʒa #	['kajʒɐ] ~ ['kaʒɐ]
'coisa'	# kojza #	['kojzɐ]
'guarda'	# gwaRda #	['gwaRdɐ]
'muito'	# mujnto #	['mũj ⁿ tu]
'quando'	# kwando #	['kwẽ ⁿ du]
'bóia'	# boja #	['bojɐ]
'boiar'	# bojaR #	['boj'aR]
'boiamos'	# bojamos#	['boj'ẽmuʒ]
'frequente'	# frekwente#	[fre'kwẽjti]
'igual'	# iguale #	[i'gwaw] [i'gwaɫ]

Serra justifica a inclusão da Semivogal na fonêmica

sistemática, afirmando:

"Assim sabemos porque itens como guarda, igual e frequente têm a mesma realização para a fala formal e a informal: se o glide é subjacente, ele não pode ganhar silabicidade para derivar as respectivas vogais altas".

Continuando, acrescenta:

"Entre os itens restantes que possuem glide na subjacência, há alguns que têm realização diferente para a fala formal e informal: por exemplo [kaj, a] e [ka, a], respectivamente. Esse fato denota que o ditongo, na fala informal, tem tendência para a Simplificação"(1).

Pelo exposto pergunta-se: O que determina a inclusão da semivogal na fonêmica sistemática?

Serra afirma que os itens que a possuem subjacentemente, apresentam uma mesma forma de superficialização, não importando o registro. Seria o caso de 'quando', 'quase', 'igual'. Mas a seguir refuta sua própria afirmação ao acrescentar que alguns itens por ela incluídos nesse grupo, apresentam formas diferentes de superficialização: 'caixa', 'coisa'.

Não há, como se observa, coerência nessa hipótese. Se se restringisse apenas aos ditongos crescentes formados de [kw] e [gw], sem incluir itens que podem ser monotongados, seu postulado não seria passível de maiores críticas.

Finalizando sua argumentação, ainda afirma. "...glides diferentes têm comportamento diferente".

Seriam então as semivogais de 'coais' e de 'quais' dife

rentes?

Os sufixos [ejro], [(d) owro], que têm ditongo reduzido na fala informal, possuem, segundo Serra, semivogal na fonêmica-sistemática.

pe'drejšro # \longrightarrow [pe'drejšru] [pe'dreru]
 # bebe'dowro # \longrightarrow [bebe'dowru] [bebe'doru]

Mas por que se apresentam superficializações diferentes?

2.9. As semivogais são derivadas.

As semivogais podem ser derivadas de:

1. Consoante nasal
2. Consoante lateral
3. Vogal alta.

2.9.1. A consoante nasal deriva a semivogal, determinando o traço de posterioridade pela vogal antecedente. Se não estiver em posição final, mas ocupar travamento silábico, derivará uma semivogal, desde que a vogal antecedente seja [- baixa].

Serra apresenta a regra:

(7.2.) $n \longrightarrow \left[\begin{array}{c} G \\ +\text{posterior} \end{array} \right] / \left[\begin{array}{c} \tilde{V} \\ +\text{posterior} \end{array} \right] \longrightarrow \left(\begin{array}{c} \# \\ C \end{array} \right)$

Derivam-se, aqui, itens como: # leone# , # bene# e
 # virzine#.

2.9.2. Semivogais derivadas das vogais altas.

Itens do tipo 'família', 'monstruoso', 'viuvinha', que possuem semivogal na fonética-sistemática da realização informal, e ' vaidade', 'sai' e 'animais' que a apresentam em ambos os registros, são derivados das vogais altas /i/ e /ou /u/.

Apresenta aqui, também, o vocábulo #leone+s# 'leões', citado à pagina 81 como derivado de consoante nasal.

Formula a regra, onde a parte (a) é de uso geral e a (b) se restringe à fala informal:

$$(8.2.) \left[\begin{array}{l} V \\ + \text{ alta} \\ \text{posterior} \\ - \text{ acento} \end{array} \right] \longrightarrow \left[\begin{array}{l} G \\ \text{posterior} \end{array} \right] / \left\{ \begin{array}{l} \text{a) } \underline{V} \\ \text{b) } \underline{\quad} V \end{array} \right.$$

Se a seqüência V V for representada por vogais altas e átonas, ~~é a segunda que perde a silabicidade.~~

Itens como 'viuvinha' e 'miudinho' têm, na fala formal, um acento secundário que não permite lhe seja tirada a silabicidade.

Argumenta a favor dos vocábulos do tipo 'família' serem de origem vocálica, por sua superficialização da fonética-sistemática, no registro formal, ser com [i]. Esses itens são subjacentemente proparoxítonos, mas se manifestam dentro do padrão tornando-se paroxítonos.

Serra afirma a favor dessa análise, que além de derivar [vaj'dadi], explica [vaidade], inserindo-lhe uma glide glotal.

Enquanto que num dos parágrafos da página 52 escreve: "Como inserir um glide se ele não existe subjacentemente"?

Em um outro registra:

"Temos que admitir que este glide glotal se insere em nível fonético, (portanto sem função fonológica), desde que é fisiologicamente impossível emitir a seqüência [ay] sem a emissão fonética da oclusão glotal: [a' i]". (2)

Na bibliografia consultada, e em observação direta do falar de professores da U.F.S.C., não se registrou em momento algum, essa impossibilidade fisiológica que Serra admite existir. Por isso, não se encontra razão para incluir a glotal [ʔ] nas transcrição do nível fonético-sistemático.

2.9.3. Semivogais derivadas da consoante lateral.

O /l/, quando em posição final de vocábulo ou travamento de sílaba, pode derivar a semivogal [+ post].

Serra denomina de velarização esse processo que se dá apenas em nível fonético. Depende, sua aplicação, do dialeto e do ideoleto de cada falante.

$$(9.2.) \quad l \longrightarrow w / \text{---} \left\{ \begin{array}{c} C \\ \# \end{array} \right\}$$

2.10. Inserção da Semivogal

Se existem subjacentemente semivogais [- posterior]/y/ e [+ posterior]/w/, há a possibilidade de inserção intervocálica. Dá-se esta ocorrência quando a primeira vogal é tônica e a segunda é posterior e não alta.

$$(10:2.) \quad \emptyset \longrightarrow \begin{bmatrix} - \text{sil} \\ - \text{cons} \\ \text{d rec} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} \text{V} \\ \text{d rec} \\ + \text{ac} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} \text{V} \\ - \text{alt} \end{bmatrix}$$

Esta regra justifica as realizações ditongadas de:

$$\begin{bmatrix} \text{'estrej}\text{p} \\ \text{'bow}\text{p} \\ \text{'vow}\text{p} \end{bmatrix}$$

Vocábulos como 'passeio', 'estreia', 'vão' e 'boa' possuem, pois, semivogal de inserção fonológica.

Mas realizações formais de 'família', 'quieto', 'validade' e 'sério' apresentam uma inserção fonética semelhante à glide glotal em Saara, poeta e saída.

Como se observa em 3.7.1. não se encontra justificativa para semelhante inclusão, principalmente se levado em conta o falar da região da grande Florianópolis.

Não há, pois, nas observações feitas, formas como essas, apresentadas por Serra em seu trabalho:

$$\begin{bmatrix} \text{[sa}^{\text{?}}\text{a ra]} \\ \text{[po}^{\text{?}}\text{ɛ ta]} \\ \text{[sa}^{\text{?}}\text{i da]} \\ \text{[vi}^{\text{?}}\text{u vo]} \end{bmatrix}$$

afirmando ser fisiologicamente impossível outra prolação⁽³⁾.

2.11. Conclusão .

Essa análise apresenta algumas vantagens eliminando em parte, o problema da acentuação. Considera itens do tipo # kajja # # kojza# , # iguale# como paroxítonos, o que é bastante produtivo na língua.

Entretanto, uma série de vocábulos ainda exigem marcação no léxico para o acento, tais como: sábia, sabiã, secretária, dilui, diluí entre outros. Persiste, portanto, o problema da acentuação.

Ao lado das vantagens alardeadas por Serra, surgem problemas de economia e simplicidade: a inclusão, no sistema fonológico do português, da classe das semivogais, embora de uso limitado.

Suas argumentações a favor de /j/ e /w/ como fonemas são bastante contraditórias, como já se referiu em 2.7., não estabelecendo com precisão, qual o critério adotado para incluir essas semivogais no nível fonêmico-sistemático. Assim propõe formas como # kajja# , # gwaRda# , # kwaze# , # iguale# , afirmando que possuem a mesma realização no nível fonético sistemático, tanto para o registro formal, como para o informal. Em informantes da Grande Florianópolis encontrou-se realizações como: [igual] ~ [igwaw]; [kajja] ~ [kaʃʃ].

Como justificar tais superficializações? Registra-se, pois, a inconsistência dos argumentos dados.

Faz-se, ainda, restrições à análise de Serra, pela inserção da S [ʔ] glotal em itens do tipo [viʔu va] e [saʔi da], pelo não enfoque de seqüências V V V e V V V V e pela falta de generalização de suas regras.

NOTAS DO CAPÍTULO II

(1.) Serra, 1977, p. 72-73

(2.) Serra, 1977, p. 81.

(3.) Serra, 1977, p. 82.

CAPÍTULO III

3. Pressupostos Teóricos

3.1. O presente capítulo tem como objetivo apresentar o modelo teórico adotado neste trabalho, bem como fundamentar as argumentações propostas na pesquisa ora realizada.

Faz-se um estudo de alguns assuntos polêmicos dentro da Fonologia, e à luz da Fonologia Natural Pura, de Angenot, tenta-se solucioná-los. Para isto, didaticamente divide-se o capítulo em vários tópicos, procurando de uma maneira simples, focar as principais características do modelo escolhido, tais como:

3.1.1. Condicionamento fonético versus morfológico ou fonético versus fonológico?

3.1.2. Subespecificação: arquisegmento ou infrasegmento?

3.1.3. Produtividade absoluta ou relativa?

3.1.4. Distintividade e contrastividade.

3.1.5. A controvérsia sobre a abstração subjacente - um falso problema.

3.1.6. Uma competência ideal ou várias competências reais? (ou a problemática da variabilidade inter e intra - individual.)

3.1.7. Superespecificação e estrutura intrasegmental.

3.1.8. Ambissilabidade e fonologia autosegmental.

3.1.1. Condicionamento fonético versus morfológico ou fonético versus fonológico?

Segundo o modelo padrão, uma derivação fonológica é constituída de uma seqüência linear de regras, que além de serem ordenadas extrinsicamente, são umas livres de contexto e outras, não.

No que diz respeito ao problema da ordenação, os vários modelos naturais, inclusive o puro, consideram que a ordenação deve ser intrínseca, embora seqüencial (e não simultânea como o sugeriram - Koutsoudas, Sanders and Noll).

Quanto às regras livres de contexto (isto é regras de neutralização absoluta) ou foram excluídas do componente fonológico (cf. "Strong alternation condition" de Kiparsky 1968 e retomada depois por Vennemann e Hooper) ou foram apenas toleradas com muita cautela (cf. "Weak alternation condition" de Kiparsky 1972).

Entretanto, Stampe (1973) e Angenot (1977) utilizam regras desse tipo no componente fonotático prefonologizante e as chamam de "processos paradigmáticos" (por oposição às regras condicionadas conhecidas por "processos sintagmáticos").

A questão das regras sensíveis ao contexto é também bastante controversa.

O modelo padrão considera que: (1) na seqüência de uma derivação se aplicam indistintamente regras contextuais ou regras livres de contexto. Em outros termos, não há nenhuma restrição que exija a aplicação ordenada do conjunto de todas as regras de um e do conjunto das do outro tipo. Isto é, não há subcomponentes caracterizados pela presença ou ausência de condicionamento.

(2) do mesmo modo, não existe nenhuma restrição que exija a aplicação ordenada do conjunto de todas as regras submetidas a um tipo X ou Y de condicionamento. Isto é, não existem subcomponentes caracterizados pela natureza do condicionamento.

No modelo padrão, o condicionamento de uma regra fonológica pode ser caracterizado por vários tipos de traços.

Efetivamente, um contexto é fonético e/ou não fonético.

Os traços fonéticos são os traços universais inatos propostos por Jakobson e revistos por Chomsky e Halle, tais como $[x \text{ contínuo}]$, $[X \text{ soante}]$, $[x \text{ posterior}]$, etc...

Os traços não fonéticos são gramaticais ou não-gramaticais.

Os gramaticais são sintáticos ou morfológicos especiais. Os traços sintáticos são os produzidos pelo componente sintático, tais como $[+ \text{ nome}]$, $[+ \text{ negação}]$, etc... Os morfológicos especiais são traços não produzidos (porque desnecessários) pelo componente sintático, tais como: $[+ 3^{\text{a}} \text{ pes. sing}]$, $[+ 2^{\text{a}} \text{ conjugação}]$, etc...

Os traços não gramaticais são diacríticos ou de regras. Os diacríticos são os menos desejáveis e facilmente condenados como "ad hoc" (cf. recusa de Kiparsky 1968 "do uso fonológico do traço diacrítico, assim como o uso diacrítico do traço fonológico"), tais como: $[x \text{ nativo}]$, $[x \text{ empréstimo}]$, $[x \text{ erudito}]$.

Observa-se também, o uso esporádico e equivalente de marca diacrítica, tais como: $[R \ M]$ e $[*\hat{\quad}]$ (Patrícia Carrel 1971) ou $[H \ H]$ (Vennemann 1974).

Há dois tipos de traços de regras: positivo de regra menor $[+ R \text{ menor } k]$, e negativo de regra maior $[- R_K]$.

No âmbito da Fonologia Standard houve desde o início duas correntes: uma favorável a um condicionamento morfológico (por exemplo Zwicky 1967) e outra favorável a um condicionamento fonológico (por exemplo Bach e King (1970) Chomsky e Halle (1968)). Foi essa segunda tendência que prevaleceu dentro do modelo padrão e que é caracterizada da maneira seguinte:

(1) formas subjacentes bastante abstratas (e não sempre justificadas sincronicamente).

(2) redução do papel do condicionamento morfológico que não é proibido, mas apenas tolerado (quando não se pode evitar).

Toda a polêmica provocada pela fonologia gerativa natural de Vennemann e Hooper contra a abstração do modelo Standard diz, de fato, respeito a essa segunda corrente. A obsessão da abstração - "pancrônica" do modelo Chomskyano foi tão forte, que a fonologia gerativa natural chegou a reabilitar a corrente morfológica do início da gerativa, e a achá-la melhor do que a corrente oposta, apesar da sua falta total de ... naturalidade.

As fonologias (gerativas) naturais estabelecem uma distinção radical entre os dois tipos principais de regras seguintes:

a) Regras condicionadas foneticamente (com segmentos pronunciáveis e limites fonéticos de pausa e de sílaba), que são chamadas de: "Phonetically motivated rules" (Hooper e Vennemann) ou "Natural processes" (Stampe).

b) Regras condicionadas morfossintaticamente, (com traços sintáticos, morfológicos, diacríticos ou de regras, limites não fonéticos de formativo ou de morfema), e que são chamadas de: "Morphophonemic rules" (Hooper), "Morpho-syntactically motivated rules" (Vennemann)

ou "Acquired rules" (Stampe).

Além desses tipos de regras, Vennemann e Hooper propõem outros, considerados secundários, tais como regras sandhi (condicionadas por limite de palavra), regras via, regras de formação de palavras, regras de estruturação morfológica, (isto é, as regras de fonologização de Angenot) e regras de silabificação.

Critérios rigorosos foram propostos para justificar a dicotomia entre os dois tipos principais de regras já mencionados. (cf. Cearley (1974: 32), Bjarkman (1975), Hooper (1975:543) e Sommerstein (1977:235).

Angenot (1978) mostrou que tais critérios absolutos não podem ser mantidos, notadamente os baseados na produtividade, na excepcionalidade, na opacidade e no condicionamento fônico.

A originalidade principal do modelo da Fonologia Natural Pura consiste em afirmar que todas as regras fonológicas da competência estão sujeitas a um condicionamento de natureza exclusivamente fônica. Com efeito, isto abrange:

- a) Regras condicionadas foneticamente, bem como as de Hooper, Vennemann e Stampe.
- b) regras condicionadas fonologicamente (e não morfossintaticamente, como pretendem Stampe, Vennemann e Hooper).

Entende-se, por contexto fonológico, a presença 1) não só de segmentos inteiramente especificados (portanto pronunciáveis), como também infra-segmentos subespecificados (portanto impronunciáveis linearmente); 2) não só de limites de pausa (||), de sílaba (§), como também limites de palavra (#) (cf. regras sandhi de Hooper), de formante (=) e de morfema (+). A natureza desses limites é con-

siderada fonológica e não gramatical (cf. Angenot e Saade Araujo, - 1978), a respeito do processo natural universal de degeneração de li

mite: $\underset{1}{\parallel} \rightarrow \underset{2}{\#} \rightarrow \underset{3}{=} \rightarrow \underset{4}{,+} \rightarrow \underset{5}{\emptyset}$

Observa-se que os dois tipos de regras (condicionadas - fonética e morfossintaticamente), não constituem dois subcomponen - tes distintos, mas sim um componente único. Todas as regras se apli - cam, sequencialmente, com uma ordenação intrínseca e segundo um contínuo gradual que é caracterizado, do input ao output, por uma pro - dutividade crescente, uma opacidade e abstração decrescentes. É óbvio que todos os elementos não diretamente fonetizáveis (infraseg - mento e limites #, = e +) devem ser transformados antes do out - put fonético.

CONDICIONAMENTO										
FONOLÓGICO					NÃO FONOLÓGICO					
SEGMENTO	LIMITE			GRAMATICAL	NÃO GRAMATICAL					
TOTALMEN- TE ESPE- CIFICADO		#	=	+	§	SINTÁ- TICO.	MORFO- LÓ- GICO ES- PE- CIAL.	DE REGRA	DE +Rk	DIACRÍTI- CO.
FONOLOGIA GERATIVA PADRÃO (CHOMSKY, HALLE)	-	-	+	-	-	+	(+)	+	+	+
FONOLOGIAS (GERATIVAS) NATURAIS (VENNEMANN, HOOPER, STAMPE)	(+)	+	-	(+)	+	+	+	+	+	+
FONOLOGIA NATURAL PURA (ANGENOT)	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-

- Nota-se que: (1) + significa presença no modelo e que - significa ausência.
- (2) a Fonologia Natural Pura é o único modelo a recusar qualquer possibilidade de condicionamento não fonológico, justificando-se a denominação "pura".
- (3) Dentro das Fenologias (gerativas) naturais, a subespecificação é ausente em Stampe e Vennemann, mas presente em Hooper (arquisegmentos) daí (+). Na Fonologia Natural Pura, a subespecificação diz respeito ao in-frasegmento (cf. 3.1.2).

3.1.2. Subespecificação: Arquisegmentos ou Infrasegmentos?

Uma das mais evidentes características da Fonologia Natural Pura é o uso específico que esse modelo faz da subespecificação.

A legitimidade de traços não inteiramente especificados - constitui desde o início da fonologia gerativa, uma grande polêmica.

Segundo a teoria das Regras de Estrutura Morfemática (MSR) propostas por Halle (1959: 30), a especificação de traços redundantes subjacentes deve ser deixada em branco, nas representações - subjacentes de morfemas. Os traços assim não especificados são indicados formalmente por 'zeros', sendo depois substituídos por " + ou -", com a aplicação das MSR.

Tal abordagem de redundância trouxe, no entanto, numerosos problemas, levando Stanley (1967) a propor a substituição das MSR por Condições de Estrutura Morfemática (M S C).

As 'Condições' são apenas restrições que enumeram, estatisticamente, os detalhes das representações fonológicas, enquanto que as 'Regras' têm capacidade de modificar ou suprimir especificações de traços. Observa-se que no caso de supressão, a teoria só admite o apagamento do conjunto total dos traços que formam um segmento inteiro, e não de apenas um ou mais traços de um mesmo segmento.

Em outros termos, um segmento pode ser suprimido, mas nunca, apenas, uma parte de segmento.

As M S C de Stanley pretendem captar as redundâncias do nível fonêmico subjacente, sem, no entanto, recorrer à subespecificação.

Tal 'proibição' da especificação 'zero' torna, por conseguinte, impossível a presença de arquisegmentos (ou arquifonemas), isto é, de segmentos subjacentes incompletamente especificados.

É interessante observar, que desde Chomsky e Halle (1968) inclusive, muitos poucos gerativistas recorreram a subespecificação, e portanto, aos arquitegmentos.

Entretanto Hyman, (1975) aponta algumas exceções: a nasal incompletamente especificada, proposta por Schachter e Fromkin (1968) e o controvertido tom flutuante.

Nota-se, também, que Deschamps (1976) utilizou um mesmo arquitegmento nasal N para explicar as nasais do português.

Quanto ao tom flutuante (floating tone), foi inventado em 1968 por Angenot, numa tentativa de reformular a análise do sistema tonal da língua banto Lega.

Diacronicamente um tom flutuante é o vestígio de uma vogal enfraquecida, enquanto que sincronicamente é um segmento silábico subjacente reduzido ao traço tonal. Assim, um morfema pode ser fonologizado apenas por um tom flutuante, ou pode conter um tom flutuante.

O sucesso do conceito de tom flutuante manifesta-se através de numerosas publicações tais como: Voorhoeve (1971), Angenot (1973, 1974), Meeusseen (1974), Hyman (1974, 1975), Goldsmith (1976) e Leben (1976). Constitui também o fundamento de dissertações doutorais (Angenot 1971, Spa 1973, Musamba 1975, Bynon - Polak 1975 e N'Landu (1979).

Como observou Goldsmith (1976) o tom flutuante que em 1971, foi reconhecido de "utilidade pública", nas conclusões do Encontro Internacional 'Tonal Problems' de Leiden, necessitava de embasamento teórico dentro do modelo em que foi concebido, isto é - a Gramática Gerativa Transformacional Standard - embora tenha um papel empírico óbvio para uma descrição satisfatória dos sistemas tonais.

Recentemente o tom flutuante foi objeto de tentativas de fundamentação teórica dentro da Fonologia Autosegmental de Goldsmith (1976) e da Fonologia Natural Pura de Angenot (1977).

Enfim, Leben (1976) propõe interpretar o sistema intonacional de todas as línguas, inclusive de línguas acentuais como o inglês e o português, a partir de tons "ponctuais" subjacentes, entre os quais, tons flutuantes (2).

A polêmica sobre o segmento subespecificado foi retomada com o advento das fonologias naturais. Stampe (1973) e Vennemann (1974) são radicalmente contra qualquer qual quer representação subespecificada que é, por definição, impronunciável. Caso contrário, dificilmente poderiam ser considerados concretos. Contudo, no início, Vennemann (1972) tinha uma posição menos extremista em relação aos arquisegmentos (4).

Quanto a Hooper (1975), afasta-se de seu antigo mestre, Vennemann, ressuscitando, então, o antigo conceito de arquisegmento, inventado na época estruturalista da escola de Praga para solucionar o problema da neutralização (5).

Assim como Hudson (1974), Hooper atribui ao léxico representações subespecificadas que sejam necessárias e suficientes para predizer as realizações fonéticas. Foi levada a essa retomada dos arquisegmentos, por não ter outra saída para evitar certas contradições, conseqüentes da aplicação da Condição de Forte Naturalidade de Vennemann.

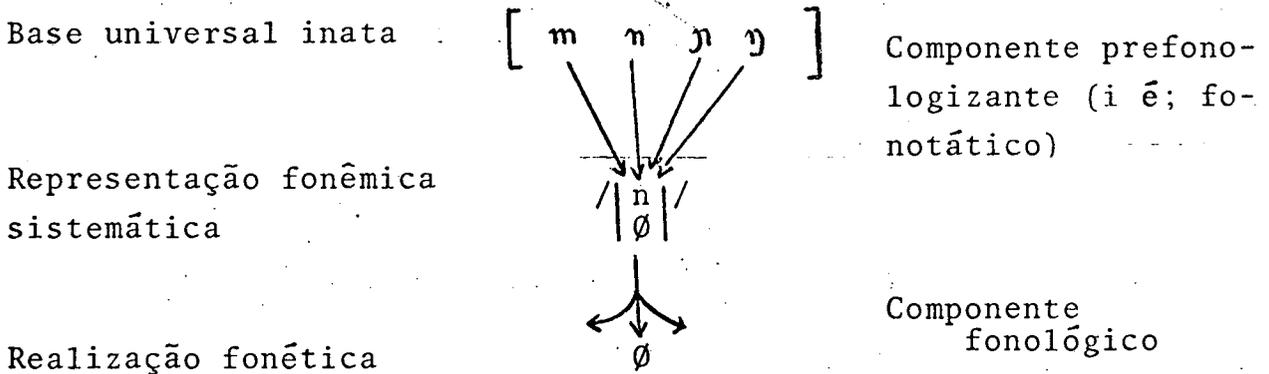
Jensen (1978), em atual recensão de Hooper (1976), ironiza ("admirable consistency!") a respeito do fato que para evitar contradições, a autora recai numa outra, dentro dessa abordagem dissidente

Observa-se que:

- (1) N é um arquisegmento subespecificado: $\left[\begin{array}{l} - \text{ silábico} \\ + \text{ nasal} \\ \emptyset \text{ Fi} \end{array} \right]$
- (2) O arquisegmento é um segmento subjacente que regras do tipo $[\emptyset \text{ Fi}] \rightarrow [x \text{ Fi}] / X$, tornam-no sempre realizado linearmente e inteiramente especificado.
- (3) Os traços não especificados, isto é, $[\emptyset \text{ Fi}]$, são considerados traços redundantes.

A concepção do infrasegmento de Angenot é diametralmente oposta, e tem apenas de comum com o arquisegmento de Hooper, o fato de que ambos são subespecificados.

Seja a esquematização do "floating nasal" dentro do modelo natural puro.



Observa-se que:

- (1) $[\eta]$ é um infrasegmento subespecificado, $\left[\begin{array}{l} - \text{ sil} \\ + \text{ nas} \\ \emptyset \text{ Fi} \end{array} \right]$ que resulta da degeneração dos membros da classe das consoantes nasais (cf. o universal "Degeneration Principle"), por aplicação de regras prefonologizantes do tipo $[x \text{ Fi}] \rightarrow [\emptyset \text{ Fi}] / X$
- (2) O infrasegmento nunca é realizado linearmente, isto é, nunca ocupa uma posição segmental autônoma no nível fonético. Ele se ma

nifesta foneticamente de uma maneira indireta, através de um segmento vizinho, do qual ele constitui eventualmente uma mora. É sempre apagado na decorrência da derivação por regras do tipo -

$$[\emptyset Fj] \rightarrow [\emptyset Fi] \text{ , isto é, mais explicitamente:}$$

$$\begin{bmatrix} x & Fi \\ \emptyset & Fj \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} \emptyset & Fi \\ \emptyset & Fj \end{bmatrix}$$

(3) Ao contrário do arquiseamento, um traço não especificado de um infrasegmento não significa traço redundante, mas sim traço desaparecido por causa do enfraquecimento degenerativo.

No próximo capítulo, serão mostradas derivações que necessitam de dois infrasegmentos, a nasal e o acento flutuantes (7).

N O T A S

3.1.2. Sobre o tom flutuante:

GOLDSMITH J. (1976)

(27) "The heuristic notion of "floating tone", which can be rigorously defended in autosegmental terms. The floating tone has served well in practical terms of linguists dealing with tone languages; it has, however, had a tainted reputation because of its apparent anomalous nature within the current theoretical framework".

GOLDSMITH (1976)

(57) "Next we will consider the nature of "floating tones", a device that has proven useful in working with tone languages but whose theoretical status has always been suspect. A floating tone is, in essence, a segment specified only for tone which, at some point during the derivation, merges with some vowel, thus passing on its tonal specifications to that vowel. This is, in any event, the traditional view; and this traditional view, framed within the standard theory, fixes the floating tone as one of the segments, and therefore linearly ordered amongst all the other, more completely specified segments of the phonological representation.

Thus it has been suggested that certain affixes are purely tonal".

HYMAN (1975)

(225) "~~In many cases where one might be tempted to write a morphologized rule of tone alternation, on underlying unspecified segments. (Voorhoeve, Meeussen and Blois, 1969; Welmers, 1970).~~"

VOORHOEVE (1971)

"In many african languages the existence of floating tones cannot be denied".

ANGENOT (1977)

p. 1/2 - "Não resta dúvida, no entanto, de que a ausência de um critério objetivo e explícito, permitindo a identificação de traços necessários e suficientes que constituem o tom flutuante, explica a proliferação de interpretações diferentes da constituição do tom flutuante. (...) A identificação de um mecanismo degenerativo universal cujo funcionamento está submetido a certas restrições e que é um produto teórico da Fonologia Natural Pura, permite aplicar "le rasoir d' Occam" a esta profusão de soluções e demonstrar que um tom flutuante é uma sílaba constituída de um nô silábico reduzido a dois traços únicos + silábico e x tom."

LEBEN (1976)

~~(91) "A characteristic of tone languages that has received some recent attention is the "floating" tone, a morpheme whose only realization is a tonal one". (...) These tonal morphemes have no segmental realizations of their own; they simply add a tone to a neighboring syllable. (...) It would now like to motivate the existence of a floating high tone in English."~~

LEBEN (1976)

(96) "To summarize the argument, the strong auto-segmental hypothesis forces us to represent common intonation in English as a modification - ~~of some other intonational pattern that has already been assigned to~~ an expression and associated with its segments. This solution becomes

more plausible when we see that the same is necessary with acknowledged instances of floating tones in tonal languages".

VENNEMANN, Theo (1974)

(358) It is transparent that in a grammar with a lexicon of words no archi-phonemes will ever be needed".

STAMPE (1973)

(35) "Underlying segments are mental representation of sounds which are, at least in principle pronounceable. They are not, in particular semi-abstractions like the archisegments of structural and generative phonology".

HUDSON (1974)

(182) Vennemann (1972:114) says that archiphonemes will be needed in Natural Generative Phonology for expressing at least cases like Turkish vowel harmony...

BOLOZKY (1975)

"In an effort to maintain the concreteness of Natural Generative Phonology, but still avoid an extreme position like the one suggested in Vennemann (1974), according to which the lexicon consists of a list of words rather than morfemes, Hudson (1974) and Hooper (1974, 1975) propose that unspecified representations be allowed whenever surface realization is predictable phonetically.

HOOPER (1977)

(107) "The issue of interest here is whether underlying representations of segments must be fully specified (with a '+' or '-' value entered for every feature of every segment), or whether for some segments certain redundant feature values may be left blank".

3.1.3. Produtividade absoluta ou relativa?

A posição da Fonologia Natural Pura no que diz respeito à produtividade foi explicitada por Angenot (1978:3).

"Os exemplos empíricos que falsificam as proposições encontradas na literatura especializada e citadas anteriormente, provam que:

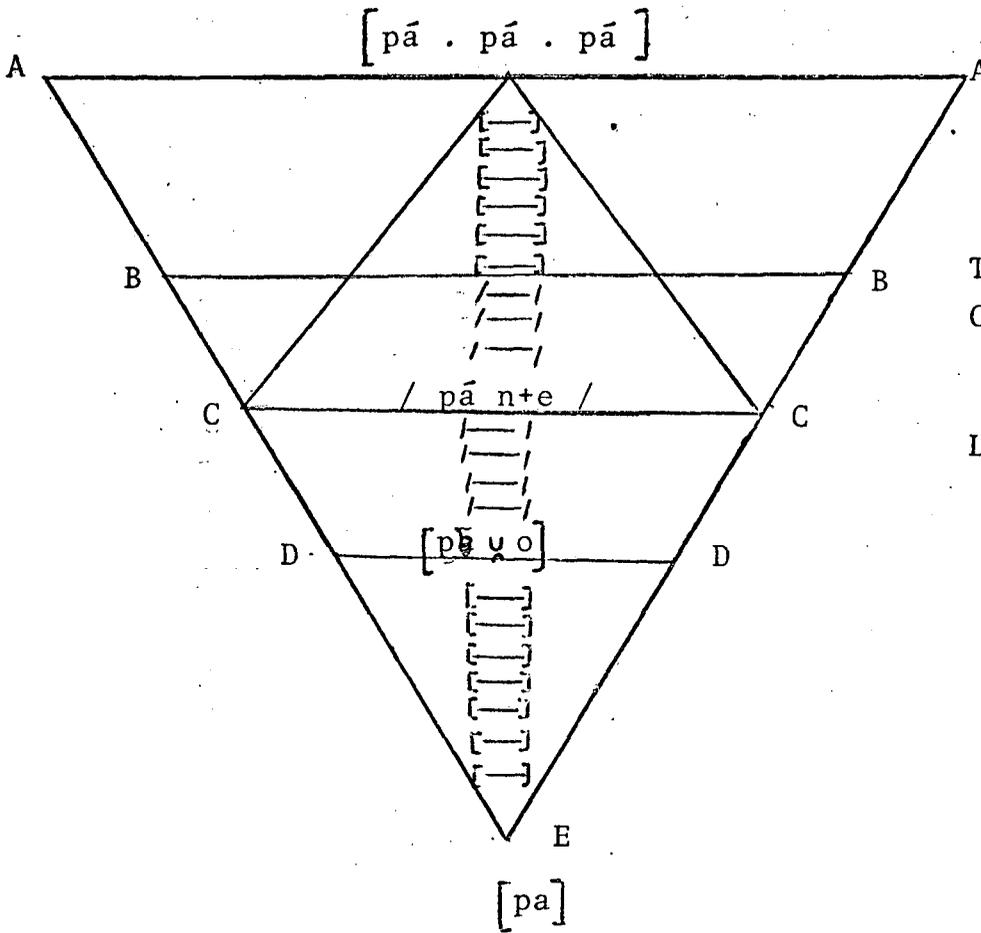
- a) um processo natural, condicionado foneticamente, não é sempre um processo 100% produtivo e sem exceções, visto - que às vezes, não afeta os empréstimos;
- b) uma regra morfofonológica não é sempre improdutivo, aplivando-se ocasionalmente, aos empréstimos;
- c) um processo natural, produtivo, condicionado foneticamente, pode incluir um limite de morfema, +, psicologicamente real.

Caso fosse aceita a tese das fonologias naturais de que as regras sincrônicas são sempre 100% produtivas ou 100% improdutivas, a depender da natureza fonética ou não do seu condicionamento, sendo as últimas tomadas, diacronicamente, como fósseis das primeiras, um salto brusco e instantâneo caracterizaria a passagem da produtividade total a improdutividade total, desde que a diacrônica é apēnas uma sucessão de estados sincrônicos. Uma tal interpretação, contudo, não está confirmada pelo exame dos dados empíricos que, ao contrário, traduzem o caráter progressivo e gradual da perda de produtividade, concordando, pois com os demais tipos de processo natural universal.

3.1.4. Contrastividade e Distintividade

A figura da página seguinte dentro do modelo da Fonologia Natural Pura, dá a importância relativa da Contrastividade e da Distintividade em todos os níveis de análise.

Ressalta-se que um triângulo de "Cabeça para baixo" representa o caráter decrescente da contrastividade, enquanto que olo sango ilustra o caráter crescente e depois decrescente da distintividade.



Triângulo da Contrastividade e Losango da Distintividade.

Comentário:

A B C = Componente Fonotático { contrastividade decrescente
distintividade crescente

A = output universal inato e input específico adquirido fonético.

Contrastividade máxima e distintividade mínima. Uma forma fonética para dar conta de todas as entradas lexicais)

Nota-se que A B C coincide com os estágios sucessivamente adquiridos da língua desde a primeira palavra universal [pā.pā]

B = input específico adquirido (fonológico)

A B = Ex.: pā pā → dā dā → CVCV (a → a, i, u)

B C = regras degenerativas:

por exemplo: a) V → ə → $\begin{bmatrix} + \text{sil} \\ \emptyset \text{ Fi} \end{bmatrix}$ → ∅

b) # → = → +

c) degeneração do tom ou do acento flutuante.

$$\begin{bmatrix} + \text{ silábico} \\ x \text{ tom} \\ x \text{ Fi} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ x \text{ tom} \\ \emptyset \text{ Fi} \end{bmatrix}$$

C D E = Componente Fonológico $\left\{ \begin{array}{l} \text{contrastividade} \\ \text{e} \\ \text{distintividade} \end{array} \right.$ decrescentes

C = input fonêmico - sistemático $\left\{ \begin{array}{l} \text{contrastividade média} \\ \text{distintividade mínima} \end{array} \right.$

D = input fonético com velocidade [1 Tempo]

E = output fonético com velocidade [z Tempo]

C D = regras fonológicas. (segmentos inteiros ou degenerados,
i e, pronunciáveis ou não)

D E = regras fonéticas. (segmentos e limites sempre pronunciáveis).

3.1.5. A controvérsia sobre a abstração subjacente: um falso problema.

Sobre a abstração subjacente, Angenot (1978:11), resume o problema da seguinte forma:

"Em resumo, toda a longa controvérsia sobre o grau de abstração admissível em uma descrição lingüística, psicologicamente real, prende-se ao postulado de que, para toda língua, existe uma competência ideal, única e representativa de uma comunidade homogênea. Resulta daí a seguinte indagação: qual é a estrutura sub-jacente psicologicamente correta? A resposta a essa questão leva a afirmar que tanto as análises abstratas como concretas estão certas e erradas ao mesmo tempo. Erradas, quando tentam identificar uma única forma sub-jacente correta em lugar de várias formas sub-jacentes possíveis, o conceito de realidade psicológica - sendo incompatível com a proposta de um locutor ideal. Certas, quando admitem que uma mesma realização fonética pode ser derivada por uma regra mais concreta, morfologicamente condicionada, integrante da gramática de certos locutores (talvez a maioria) que não percebem uma possível generalização, ou por uma regra mais abstrata, fonologicamente condicionada, existente na gramática de outros locutores. Tanto maior o conhecimento sobre o sistema, in

clusiva a história da língua, tanto maior o grau de abstração atingível pelo falante. Dessa forma justifica-se recomendar ao linguista a investigação das representações abstratas, as mais generalizadas possíveis, aquelas que reúnem o maior número de regularidades a partir da reflexão sobre os dados superficiais, mesmo que tal gramática seja psicologicamente real para um único locutor-ouvinte real.

Finalmente, a única limitação necessária ao grau de abstração da análise fonológica está relacionada com a rejeição às propostas adhoc".

3.1.6. Uma competência ideal ou várias competências reais?

Este assunto foi estudado por Angenot, que assim se mani

festa:

"O modelo de fonologia natural pura, ao situar ca da regra fonológica em um ponto do eixo de força decrescente de relativa produtividade-opacidade-abstração, fornece um instrumento de informação sobre o grau do conhecimento lingüístico internalizado atingido por cada locutor-ouvinte. Convém ressaltar que este modelo aceita as evidências constatadas em investigações sociolinguísticas e psicolinguísticas, que argumentam em favor da coexistência, na mesma língua, de competências variáveis, que diferem tanto, inter-individualmente como intra-individualmente, pertencentes aos locutores-ouvintes reais de ~~uma comunidade lingüística heterogênea.~~ Tal posição implica em abandono da concepção mítica, própria da teoria gerativa, de um locutor-ouvinte ideal, participante de uma comunidade homogênea. Assim, essa abordagem admite que ~~todas as manifestações do desempenho lingüístico do indivíduo devem ser explicadas pela descrição estrutural da representação subjacente da sua competência.~~ Essa estrutura, portanto, passa a incluir formas de entoação ou acentuação expressivas, a fonologização de inúmeros elementos - pressuposições, emoções ... do contexto pragmático-semântico.

Por outro lado, as regras mais produtivas, transparentes e concretas de uma língua coincidem com aquelas adquiridas primeiramente e, em consequência, mais resistentes e dominadas por todos os locutores da mesma comunidade, enquanto que as menos produtivas, mais opacas e mais abstratas (que podem conter arqui-segmentos sub-especificados por degeneração) são conhecidas somente por ~~uma minoria de locutores do mesmo socioleto,~~ por exigirem uma maior capacidade de abstração que permita captar certas regularidades especialmente tênues e sutis. Assim, ~~por exemplo, uma eventual e controvertida relação, em nível subjacente, de lua e lunático, nos falantes da norma culta do português [sucessivamente /lua/ e depois /luna/] só poderia ser estabelecida para falantes que internalizaram e identificaram a composição do segundo termo.~~

As estratégias de aprendizagem de uma língua não se limitam ao papel, embora primordial, de decodificar - as informações orais, mas incluem também, em um segundo-estágio, outros fatores intervenientes que favorecem a internalização de regras cada vez mais opacas, mais abstratas, menos produtivas. A aprendizagem da gramática na escola, o treinamento filológico e lingüístico, o conhecimento das regras ortográficas, a assimilação do vocabulário erudito, o contato com línguas ou dialetos cognatos, certos conhecimentos da proto-língua podem tornar-se fatores intervenientes da aquisição de um segundo estágio lingüístico. Conforme essa posição, as regularidades escondidas, que têm a sua maior manifestação em formas aparentemente irregulares e excepcionais, são progressivamente internalizadas, desde o estágio bastante concreto de aumento de memorização morfológica no léxico, até atingir o estágio caracterizado pela descoberta de uma regularidade fonológica. Os diferentes locutores distinguem-se pelo grau de abstração alcançado. Esse princípio sugere que a aprendizagem de uma língua, assim como sua "desaprendizagem", continua durante a vida toda apesar da fase decisiva da aquisição ocorrer durante os primeiros anos da infância".

3.1.7. Superespecificação e representações subjacentes.

Este aspecto da Fonologia Natural Pura é focalizada por

Angenot (1977:47), que assim se manifesta:

"Ao lado de uma série finita de classes universais primitivas geradas pela base, existe uma série finita de classes naturais derivadas. As classes derivadas se dividem em segmentos complexos e não-complexos. Os segmentos complexos resultam da fusão (ou da fissão) de dois ou três segmentos normalmente especificados. Esta interpretação introduz a noção de ordem no interior do segmento, assim como a noção da existência de uma unidade segmental menor que o segmento. Designaremos sob o nome de mora esta unidade intrasegmental. Um segmento conterá tantas moras quantas especificações sucessivas houver para um mesmo traço.

As principais consoantes superespecificadas são as africadas (ts, dz, pʃ...) as palatalizadas (ʃy, mpy...), as labializadas (tw, sw,...) as aspiradas (th, mph,...) as glotalizadas (t', mp',...) as prenasalizadas (mp. nt. - nts...) as pós-nasalizadas (bm,...) as pré-pós-nasalizadas (mbm,...) as labiovelares (kp, gb,...) e as molhadas (ʃl, br,...). Vogais superespecificadas são as que têm uma tonalidade modulada (ã, ǎ, ǎ, ...) e as ditongadas (ey, ow, yi,...)" Remete-se a Woo (1969), Angenot (1971) Voorhoeve (1971), Andersen (1972), Campbell (1974), Kaisse (1974) e Anderson (1976).

NOTAS : 3.1.7.

ANDERSON (1976) - "Nasal Consonants and the Internal Structure of segment".

"(327) Recent evidence in phonology suggests that it is not possible to describe all the language-particular properties of utterance in a natural language in terms of strings of segments alone. In particular, a higher level of organization (the syllable) must be positioned, both in order to capture significant generalizations (...), and also in order to specify the interaction of sounds through the operation of phonological rules (...) Other evidence which has been accumulating suggests that languages can vary in ways that must be specified in terms of domains smaller than the segment.

(342) Naturally enough, if the feature [nasal] is one in terms of which segments can be said to have internal structure, and whose domain can be independently manipulated by phonological rules, we must next ask whether the same is true for other features. Obvious candidates for such status are the vowel - quality features characteristic of diphthongs, and the feature [continuant] in affricates. A third possibility is the feature [round] in labiovelars (= labialized) of the type usually transcribed [k^w].

As for diphthongs, Andersen (1972) dealing with diphthongization process, assumes that subsegmental domains, and rules manipulating feature scope, are essential parts of an adequate phonological theory.

Many of Andersen's examples are quite suggestive, and it is reasonable to imagine that this a way to resolve the ambiguous

character of diphthongs, which behave both as single elements and as sequences.

(333) Recent discussion of the appropriate descriptive treatment - of the contour tones raises the same issue as the one discussed in regard to nasality.

6) Kaisse, Ellen (1974) - Segments with internal structure - Greek labiovelars, 5 th Annual Meeting Northeast Linguistic Society, Cambridge.

H. ANDERSEN (1972)

"(42) Just as segments can be defined as simultaneous combinations of relational properties, as bundles, so the temporal heterogeneity of the segmental diphthong can be understood as a linear arrangement within a single segment of different distinctive features values".

"(42) There exists a universal principle which determines the order in which opposite terms of a phonemic opposition may be juxtaposed within a single segment - the principle of intra - segmental variation".

(49) "In the jakobsonian framework, distinctions in consonants with secondary articulations are captured by means of the features [+ flat] (labialized, velarized, pharyngealized consonants and rounded vowels) + Sharp (palatalized consonants), [+ checked] (glottalized consonants), [+ tense] (aspirated and geminate/long - consonants).

(50) "Chomsky and Halle (1968) introduce the feature [round] to cover rounded vowels and labialized consonants".

(51) "The jakobsonian feature [+ sharp] disguises the similarity between palatalized consonants.

CAMPSELL, Lyle (1974) "Phonological Feature: problems and proposals". Language 50:52 - 65.

(60) "An argument in favor of the complex symbol is that segments where it is used are articulatorily complex, in that they involve separate but related articulatory gestures, occurring not quite simultaneously in time, but in close juxtaposition".

VOORHOEVE, Jan (1971). "Some problems in generative phonology, with special reference to tone". Congress "Tonal Problems", University of Leiden, Holland.

"A segment ts can be described by the feature complex -continuant and + delayed release , but this can only obscure the fact that there exist sequences of -continuant followed by +continuant which we wish to treat as a single segment - I think that we have to accept the notion of order within the segment as unavoidable - on the concrete level".

Woo, Nancy (1969). "Prosody and Phonology", MIT dissertation.

"(...) the domain of tonal specifications is the segment interpreted for vowels as the mora, so that long vowels contain more than one such unit.

3.1.8. Velocidades, registros e representações subjacentes.

Embora percebida esporadicamente pela Fonologia Gerativa Padrão (cf. Dell 1970, Zwicky 1972), a interpretação das várias velocidades possíveis de uma produção fonética, como sendo manifestações da competência e não do desempenho, foi considerada sobretudo, com o advento das fonologias naturais. O impulso foi dado com a inesperada derivação de "divinity fudge" (Stampe 1973, Lee e Howard 1974). Remete-se também a Stampe (1972), Abaurre (1974 e 1976), Hooper (1976), Tranel (1977) e Bolozky (1977).

A fonologia Natural Pura assume as posições teóricas seguintes:

(1) A realização produzida com a velocidade mais lenta possível é a que mais se aproxima da forma fonêmica subjacente. A velocidade não seria a velocidade dita largo (cf. Hooper 1976), mas poderia ser qualificada de larguíssimo.

(2) Ao contrário de Abaurre (1976) que propõe traços binários para descrever um número conscientemente arbitrário de quatro velocidades, opta-se para o traço escalar de velocidade [n Tempo], que se revela mais adequado para descrever o eixo gradual de velocidade crescente (cf. por exemplo, os quatorze estágios sucessivos identificados por Stampe 1973, na sua derivação de "divinity fudge").

(3) Existe uma relação evidente, mas mal descrita entre velocidades e registros. Embora não absoluta (cf. Zwicky 1972, Stampe 1972), há uma correlação entre o registro mais formal, velocidade menor e hiperarticulação de um lado, e de outro, o registro mais coloquial, velocidade maior e hipoarticulação.

(4) Embora a possibilidade de interferência não possa ser afastada, testagens empíricas demonstraram que não há correlação necessária entre velocidade lenta e competência ortográfica (cf. Tranel - 1977; cf. também as produções lentas de chapéu e papel, respectivamente [ʃapéu] , [papéu]).

(5) O traço [n Tempo] constitui uma parte da representação fonêmica subjacente, assim como outros traços - que igualmente se aplicam a uma seqüência fonológica de uma palavra ou de um enunciado inteiro tais como [x pausado] ou o registro [n formal] . Observa-se que esses traços [tempo] , [pausado] e [formal] não são de modo algum diacríticos. Não são, também, "dei ex máquina", - mas constituem o output da fonologização específica, (isto é "morphological spell-out rules" de Hooper) de certos elementos do contexto pragmático de representações pragmático-semânticas (por exemplo pressuposições, postulados de conversação, relações sociais de inferioridade /igualdade/ superioridade (cf. Vincke 1978), emoções).

Assim, o traço [Tempo] é introduzido nas representações subjacentes de uma maneira comparável, por exemplo, ao traço [tom] para dar conta das curvas entoacionais de todas as línguas do mundo, sejam tonais, sejam acentuais (cf. Leben 1976 e Angenot 1977) - e o traço [n acento] para dar conta das acentuações expressivas. Com efeito, intonações e acentuações expressivas constituem também a fonologização de elementos contextuais de uma representação pragmático - semântica (por exemplo, focalização, topicalização, representações lógico - semânticas da interrogação, da exclamação, etc..)

É interessante observar que, numa teoria integrada do funcionamento da linguagem, a fonologia natural pura estabelece relações complementares, adirecionais e autônomas (daí justificar-se a denominação "pura"), com um modelo de Semantaxe Natural Pura (cf. J. Vincke, a ser publicado em 1979) que se filia à corrente da Semântica Gerativa (incluindo o seu atual desenvolvimento pragmático).

(6) A integração nas representações subjacentes do traço de pausa silábica [x pausado], confirma a presente tese de que todos os glides são sempre e exclusivamente realizações fonéticas de ligação intervocálica, necessárias para impedir o hiato, quando as representações subjacentes contêm o traço [- pausado].

Em outros termos, (1) em velocidade mais lenta possível, todo glide é sempre intervocálico, embora possa depois deixar de sê-lo, com acréscimo de velocidade; (2) esse glide necessariamente intervocálico (inicialmente), torna-se ausente na velocidade menor [1 tempo], quando a velocidade subjacente é [+ pausado].

Com efeito, o ponto [.] designa a pausa silábica:

<u>água</u>	-	[águ <u>u</u> ə]	~	[á.gu.a]	→	[águ <u>u</u> ə]
<u>Yêda</u>	-	[i <u>i</u> éd <u>u</u> ə]	~	[i.é.da]	→	[i <u>i</u> éd <u>u</u> ə]
<u>pães</u>	-	[p <u>ê</u> i <u>e</u> s]	~	[p <u>â</u> .e.s]	→	[p <u>ê</u> i <u>e</u> s]
<u>chap<u>ê</u>u</u>	-	[ʃap <u>ê</u> u <u>o</u>]	~	[ʃa.p <u>ê</u> .o]	→	[ʃap <u>ê</u> u <u>o</u>]
<u>papel</u>	-	[pap <u>ê</u> u <u>o</u>]	~	[pa.p <u>ê</u> .o]	→	[pap <u>ê</u> u <u>o</u>]
<u>guarda</u>	-	[gu <u>u</u> á <u>r</u> d <u>u</u> ə]	~	[gu.á <u>r</u> .da]	→	[gu <u>u</u> á <u>r</u> d <u>u</u> ə]

(7) As velocidades crescentes sucessivas constituem uma hierarquia natural representada por um contínuo gradual.

Nota-se que a representação subjacente imediata, (isto é, o output da parte fonológica) de uma realização fonética com uma

velocidade [i tempo] é igual à realização fonética com uma velocidade [i - 1 Tempo], logo tem o traço /i - 1 Tempo/.

(8) A parte pré-fonética da derivação fonológica (isto é o conjunto de estágios sucessivos intermediários entre a forma fonêmica subjacente e a primeira realização fonética, que é a mais lenta - possível) reflete um trecho fossilizado (internalização dos falantes) dos últimos estágios da diacronia da mesma forma.

(9) As velocidades mais rápidas (inclusive e sobretudo as dos registros mais informais) permitem fazer previsões razoáveis a respeito do futuro da língua.

Apresenta-se, pois um esquema da evolução diacrônica:

	<u>Estágio diacrônico:</u>	→	<u>Estágio Diacrônico:</u>
	<u>A</u>		<u>B</u>
	/...../	→	/...../
	/output fonológico/	→	/pré-output fonológico/
Formal	[largo]	→	/output fonológico/
Coloquial	[andante]	→	[largo] Formal
+ Relachado	[allegretto]	→	[andante] Coloquial
	[presto]	→	[allegretto] + Relachado
	[prestíssimo]	→	[presto]
	[.....]	→	[prestíssimo]

Esta interpretação confirma a conclusão de Labov, segundo a qual é a fala do "povão" que determina as mudanças fonológicas, apesar das tentativas conservadoras dos socioletos das classes privilegiadas.

NOTAS 3.1.8ZWICKY (1972)

"(607) (...) In general, casual speech is fast, and it is stylistically marked as intimate, informal, and the like. But casual speech need not be fast.

(...) The delineation of registers or tempos continues to be impressionistic.

(...) I continue the tradition of lumping together speed and style.

LEE, GREGORY and IRWIN HOWARD (1974)

(223) "Casual speech processes seem to argue for syllabification of nonsyllabics between untressed vowels or diphthongs with the preceding syllable".

STAMPE, David (1973). A dissertation on natural phonology

Chicago, Illinois, Doctoral dissertation, p. 76. (justifica a direção da derivação: $\acute{V} \longrightarrow$ ditongo \longrightarrow mon.)

"(23) Diphtongization of vowels is more frequent and extreme in slow or hyperarticulated speech. (...) The monophthongization of diphthongs is more frequent in rapid or hypoarticulated speech.

The contrary teleologies also manifest themselves in the typical ordering of contrary processes in nature phonological system". (por exemplo, o processo de ditongação é ordenado antes do processo de monotongação).

(54) The process of syllabication attaches a nonsyllabic to the syllable to the right; but if that syllable is unstressed (or optimally, less stressed), the nonsyllabic is attached to the stressed syllable to the left".

Exemplo, em inglês:

$\begin{array}{cccc} d\grave{a} & v\acute{i} & n\grave{a} & t\acute{i} \\ \vee & \vee & \vee & \vee \\ S & S & S & S \end{array} \rightarrow \begin{array}{cccc} d\grave{a} & v\acute{i} & n\grave{a} & t\acute{i} \\ \vee & \vee & \vee & \vee \\ S & S & S & S \end{array} / [1 \text{ tempo}]$

$\begin{array}{ccc} d\grave{a} & v\acute{i} & t\acute{i} \\ \vee & \vee & \vee \\ S & S & S \end{array} \rightarrow \begin{array}{cccc} d & a & v & \acute{i} & t & i \\ \vee & \vee & \vee & \vee & \vee & \vee \\ S & S & S & S & S & S \end{array} / [9 \text{ tempo}]$

E acrescenta:

"Syllabication also applies unstressed syllabics, desyllabifying them and attaching them to an adjacent syllable.

TRANEL (1977)

"(91) Dell (1970) claims that there is a correlation between slow speech pronunciation and the of underlying representations. (...) The relatedness between slow speech and underlying forms has been indirectly assumed in generative phonology. (...) The reduced forms of fast speech are invariably derived from the normal speech ones, which contain more segments, and which are thus assumed to be closer to underlying representations. The same reasoning can be applied to slow speech ones. The problem with Dell's argument, however, is that the correlation which he establishes may also be interpreted as a correlation between slow speech pronunciation and knowledge of orthography "(orthographic competence). (...) From the results

obtained from our experiment, it can be concluded that slow speech does not correlate with orthography, but that it correlates with underlying representations (Dell's hypothesis), and that different people have different underlying representations for the same words".

STAMPE (1972)

"(548) The distinct motivations of assimilative and polarizing processes are especially clear in the contrast between hyperarticulated and hypoarticulated speech styles.

(230) ... HOOPER (1976): 113-115 "each casual speech style does not derive from the underlying forms using totally different processes, but rather each style continues a progression in the same direction as the preceding style... The remarkable coherence we find in the processes applying the various styles is due to the fact... that processes of each style are further modifications of the rules existing in higher styles, and these modifications advance in a predetermined direction".

The fast speech continuum is to a large extent predictable and so is the range of processes-variability among speakers with respect to speech tempo: although objectively measured speeds of speech vary considerably from one speaker to another, it still holds for the speech community as a whole that the faster the tempo, the greater the percentage of further-reduced forms and the smaller the percentage of less-reduced ones.

BOLOZKY (1977)

"One is consequently forced to to redefine fast speech outputs as optional outputs of processes applying to the output of normal speech - in other words, to recognize the output of normal speech as a level of representation intermediate between the underlying representation and the possible outputs of fast speech"

(219)... "in Hooper and Rules notation an ambisyllabic consonant is indicated by marking the boundary above the letter."

(220)... "Since in fast speech a given string must be articulated in a shorter time-span than in normal speech, assimilation of segments to neighbouring elements is to be expected; it makes articulatory transitions easier and smoother, and possibly also requires less time to articulate. At the same time, one would obviously also expect reduction of weak elements so as to shorten duration of syllables or decrease their number."

(221) "...Just as there are processes unique to fast speech, so there are also normal speech phonetic processes that do not apply in fast speech and normal speech constraints that are relaxed in fast speech".

(226) "...some of the processes are all variable in normal speech, and tempo is a significant factor in determining this variability, in that the percentage of assimilated or reduced forms will increase from very slow to normal speech tempo. Increasing generalization with successive degrees of 'fastness', discussed in more detail in 6 and 7, is commonly noted in fast speech (see especially Dressler, 1972a, b; Zwicky, 1972a, b)."

(234) "... To summarize tentatively the position adopted here regarding application of fast speech processes and constraints, the following general claims are made: (i) Either the output slow/normal speech constitutes the underlying representation of fast speech, or some processes will to be sensitive to speech tempo. (ii) Some fast speech processes constitute phonetic constraints, but most of them are variable, and develop predictably with the increase in speech tempo. Even if inception of a process or constraint, or first relaxation of a normal speech constraint, cannot be predicted, the general development with tempo is unaffected.

A few general principles are proposed below for predicting the development of processes and surface phonetic constraints in fast speech. Needless to say, all are tentative and require a more precise definition. (i) The general pattern of normal speech constraints of a language determines the extent to which particular constraints may be violated in the fast speech of that language. (ii) The greater the violation of universal constraints on syllable structure the less likely are the constraints to be relaxed.

(235) "...(i) The faster the tempo of speech greater the likelihood of variable assimilation processes and of restricting clusters to ones that are assimilated in some way. (ii) The faster tempo of speech, the more likely are reduction and deletion processes, and restrictions on the occurrence of weak syllabic elements."

(236) "...Normal speech processes, primarily assimilations and reductions that are restricted in some way, tend to be more and more generalized with the increase in speech tempo. Even in fast speech, assimilation and reduction processes, and constraints enforcing assimilation or reduction, should be restricted with reference to what the speaker perceives as the limit of recoverability of semantic information; i.e. weak segments may be assimilated, deleted or excluded from fast speech as long as the speaker believes that their loss would not make the word unrecognizable."

STAMPE, (1973).

(...) In casual speech, syllabication optimally applies to untressed syllabics, attaching then to an adjacent syllable exactly as it attaches nonsyllabics to an adjacent syllable. For example, [snó.i] 'snowy' → [snó̩i]. The attachment and desyllabification must be one simultaneous change (because intermediate representations are universally unpronounceable).

(60) Many casual-speech derivations show the randomly ordered, nonlinear, sequential and iterative way that processes apply. (...) The sequence of applications and re-applications is completely natural, given the functions of the processes. (...)

(...) This assimilative, monophthongizing tendency in increasingly hypoarticulated speech is paralleled in reverse by a diphthongizing, dissimilatory tendency in hyperarticulated speech.

HOOPER (1977)

"(106) As shown in Hooper (1975:554), the reason for adopting archisegmental representations in Natural Generative Grammar was to alleviate violations of the Strong Naturalness Condition which arose from requiring fully specified feature matrices in the lexicon".

(113) On the use of capital letters to represent archi-segments, see Rudes 1976:120".

JENSEN (1978)

"(670) Hooper believes that Phonological rules, which for her are "basically laws of pronunciation" should not be allowed to apply to structures that will never be pronounced". Transformational generative phonology usually assumes just the opposite: that the function of the phonology as a whole is to describe how each sentence is to be pronounced (Postal - 1968:55)", in other words, to turn structures that will never be pronounced into structures that will be pronounced. With "admirable" (sic!) consistency, Hooper proposes an... archisegmental representation of the surface allomorphs."

ANGENOT (1977)

(53) "Claiz Passos (em comunicação pessoal) propôs uma reinterpretação dos sistemas acentuais ("stress") dentro do enfoque da Fonologia Natural Pura.

(...)As palavras do português, conforme tal hipótese, seriam todas elas paroxítonas no nível de fonologização, passando a paroxítonas, oxítonas e proparoxítonas em nível mais concreto. As palavras oxítonas teriam uma forma subjacente paroxítona com a última sílaba reduzida a um acento átono flutuante. Quanto às palavras proparoxítonas, receberiam uma forma subjacente paroxítona contendo um

limite de formante (considerado como limite enfraquecido de pala
 vra, de acordo com o processo natural universal inato:

$\parallel \rightarrow \# \rightarrow = \rightarrow + \rightarrow \emptyset.$

3.1.9. Ambissilabidade e fonologia autosegmental.

A Fonologia Gerativa Standard ignorou totalmente a realidade fonológica e fonética da sílaba, e portanto não recorreu a conceitos tais como limite silábico (§) ou ambissilabidade. A única menção indireta feita por esse modelo é em relação ao uso do traço [x silábico] para distinguir os segmentos que podem sê-lo. O papel primordial da estrutura silábica foi evidenciado por Stampe, Vennemann e Hooper.

No âmbito da fonologia standard revista (Hyman 1975) e da fonologia autosegmental de Goldsmith (Kahn 1976), sentiu-se a necessidade de incluir, também, o conceito de ambissilabidade, o que tornaria pouco prático a conservação de limite silábico como sendo um elemento da cadeia segmental. Preferiu-se, então, uma estruturação geométrica.

Nos demais modelos, geralmente, se propõem regras transformacionais de silabação, isto é, de atribuição ("assignment") de limites silábicos. Angenot prefere considerar que uma regra fonotática gera a sílaba universal inata § C V §ⁿ (e portanto os seus próprios limites), enquanto que regras prefonologizantes introduzem (de cima) as representações fonêmicas subjacentes, munidas das suas devidas estruturas silábicas.

NOTAS 3.1.9GOLDSMITH, John (1976)

"23" Autosegmental phonology constitutes a particular claim about the geometry of phonetic and phonological "representation".

Exemple: "English tone pattern" of the intonation of: archipélago

archipélago

H L

HYMAN, L. (1975)

(191) An alternative treatment of the syllabification of V C V - sequences, where the first vowel is lax, is to assign the intervocalic consonant simultaneously to both syllables.

Thus, the words bacon and beckon would be syllabified as b e k n e b k n

CAPÍTULO IV

4.1. Objetivo

Todas as interpretações, sem exceção, dos glides do português, pretendem dar conta de apenas algumas das possíveis realizações fonéticas da língua.

Com efeito, ressalta da literatura existente, uma preocupação exclusivamente limitada às poucas produções que correspondem a um registro coloquial não relachado, com velocidade do tipo andante. Assim, embora não haja dois autores que concordem sobre a forma subjacente psicologicamente real e a derivação mais natural ou econômica do item 'pão', por exemplo, há pelo menos um consenso tácito para mutilar a competência dos falantes da língua e reduzi-la, no caso, à capacidade de produzir apenas a realização fonética [p̃̃w̃].

Devido, talvez, a persistência do mito do falante ideal, membro (feliz) de uma comunidade homogênea, assim como preconceitos em relação a fatos de variabilidade inerente, considerados como manifestações não interessantes do "desempenho" esqueceu-se de que, no caso de pão, há uma competência do português que habilita o falante a produzir não só [p̃̃w̃], mas também a série não exaustiva (com e sem ambissilabidade de glide), [p̃̃õõ], [p̃̃õũ], [p̃̃õə̃], [p̃̃õ], [p̃̃õ̃], [p̃̃], [p̃̃á̃], assim como as realizações com pausa silábica [p̃̃.õ], [p̃̃. ũõ], [p̃̃õ. ũõ], [p̃̃õ.õ], [p̃̃õ.ũ], etc..., ou as como acentuação expressiva dupla [p̃̃.ó̃] ou [p̃̃. ũó̃].

Segundo o modelo da Fonologia Natural Pura de Angenot, essas variantes a) são sempre interdependentes, regidas por um princípio hierárquico rigoroso; b) nunca são livres, mas sempre con

dicionadas por vários fatores pragmático - semânticos que são fonologizados notadamente, através de vários registros ou velocidades. (cf. por exemplo Ohala 1977, Bolozky 1977).

Por conseguinte, uma descrição sincrônica satisfatória - exige a integração nas representações fonêmicas subjacentes, dos fatores que determinam a variabilidade inerente, inter-individual e sobretudo intra-individual. Isso pode ser parcialmente atribuído a traços tais como: [n Tempo] , [x pausado] , [n formal] , etc...

O fato de que toda a realização é sempre derivável daquela que precede diretamente no eixo das velocidades crescentes, implica na conclusão de que quanto mais lenta é uma forma, tanto mais ela está próxima da representação fonêmica subjacente. Portanto, para a identificação de toda forma subjacente, deve-se considerar exclusivamente as realizações que correspondem à velocidade mínima possível, isto é, do tipo larguíssimo.

Assim, todas as tentativas visando estabelecer formas subjacentes de 'pão' e 'paês' a partir das realizações andantes [p̄ēw] e [p̄ēȳs] só podiam fracassar, e levar a representações e derivações fonêmicas, incapazes de dar conta das produções, mais lentas, tais como [p̄ēūo] ou [p̄ē.o] e [p̄ēī īs] ou [p̄ē.īs].

Ao contrário, uma vez derivadas as formas lentas, pode-se automaticamente derivar, a partir dela, as formas cada vez mais rápidas que se sucedem segundo um eixo largo — andante — alegretto - presto, que contém tantos intermediários quantos possam ser atestados.

Dado que nem Hensey (1968), Paviani (1969), Saciuk (1970), - Brasington (1971), St.Clair (1971), Abaurre (1973, 1974), Leite - (1974), Lipsky (1975), Mateus (1975), Costa Selber (1975), Serra - (1976), Vandresen (1976) e nem Brakel (1976) conseguiram identifi-

ficar o sistema internalizado (nas competências reais) que produz todas as ocorrências fonéticas atestadas, sente-se a necessidade de um reestudo completo da descrição sincrônica do português. Só dessa forma conseguir-se-á explicar porquê e como, no caso das palavras 'chapéu', 'papel' e 'água', as primeiras formas fonéticas a serem produzidas são respectivamente [ʃa.péu.o] ou [ʃa.pé.o], [papéu.o] ou [pa.pé.o] e [águuɐ] ou [á.gu.a].

Explicará, também, que formas menos lentas e mais usuais [ʃapéu.o], [papéu.o] e [águɐ] derivam necessariamente das precedentes.

4.2. Amostragem representativa

A Fonologia Natural Pura segue a "weak alternation - Condition" de Kiparsky, 1972.

Baseando-se no modelo escolhido, dividiu-se a amostragem em duas partes:

(1) Casos que não apresentam alternâncias alomórficas: água, caixa, família, quieto, dilui, diluí, sai, saí, período, periódico, moela, goela, eixo, doido, doído, vaidade, Piauí, Uruguai.

(2) Casos que apresentam alternâncias alomórficas:

1. limão	-	limões	-	(limonada)
2. pão	-	pães	-	(panificadora)
3. mão	-	mãos	-	(manual)
4. chapéu	-	chapéus	-	(chapelaria)
5. papel	-	papéis	-	(papelaria)
6. homem	-	homens	-	(humanidade)
7. caracol	-	caracóis	-	(encaracolado)
8. animal	-	animais	-	(animalesco)

entre outros exemplos.

Observa-se que pelas razões apresentadas no capítulo -

anterior, as formas derivadas, muitas vezes de origem erudita, não -
são tratadas por meio de "Via-rules", mas diretamente relacionadas -
às formas básicas.

4.3. Regras Derivacionais

Visto que as regras são ordenadas intrinsecamente, elas não são munidas de um número, mas apenas designadas por uma denominação.

4.3.1. Nota prévia

As representações subjacentes fonêmicas input das regras apresentam certas particularidades relativamente não usuais nas descrições gerativas standard;

(1) Como se falou anteriormente, as representações subjacentes integram os traços [tempo] e [pausado] .

(2) As representações subjacentes contêm não só as seqüências segmentais, mas também as estruturas silábicas (utiliza-se a apresentação geométrica da Fonologia Autosegmental de Goldsmith (1976) utilizada notadamente por Kahn (1976) e Leben (1976)).

Assim, as representações de 'mão e 'mano' por exemplo, diferem apenas por uma estruturação silábica diferente, sejam respectivamente

$$\begin{array}{c} /máno/ \\ \vee \vee \\ S \quad S \end{array} \quad \text{e} \quad \begin{array}{c} /máno/ \\ \vee \vee \\ S \quad S \end{array}$$

(3) As representações subjacentes contêm a indicação da sílaba acentuada. Entre as interpretações já citadas (cf. anexo), propõe-se uma acentuação inerente no input fonêmico, em Brasington (1971) e — indiretamente através de uma regra "morfoléxica" anterior às regras "morfônicas" — em Brakel (1976). Todos os outros autores seguem a tradição de Chomsky e Halle (perpetuada pelas fonologias naturais "impuras"), segundo a qual as representações fonêmicas são totalmente átonas e recebem, depois, uma acentuação, na decorrência da derivação, pela aplicação de regras que atribuem ("assignment") o acento.

Ora, não existe nada que seja mais antinatural do que - representações totalmente átonas e regras de acentuação.

Ao contrário, seria natural uma interpretação diametralmente oposta, isto é, representações totalmente tônicas e regras de desacentuação.

Com efeito: 1) psicolinguistas cansam-se de confirmar a observação de Jakobson, que no estágio "post-babbling", a criança produz só seqüências bem articuladas de sílabas, todas acentuadas, do tipo /pápá/.

O contraste seguinte é o tônico-átono em palavras paroxítonas - daí por exemplo /pápa/.

2) Stampe (1969, 1973), mostrou que a denominação "aquisição da linguagem" é imprópria, pois a linguagem nunca é adquirida, mas sempre inata e universal. Seria mais correto falar de aquisição de uma língua (específica), por desaquisição da linguagem.

Isso se manifesta pela perda ou limitação de certos processos naturais, que inicialmente se aplicam todos juntos, provocando uma neutralização total das oposições distintivas potenciais; daí, uma situação de distintividade mínima e de contrastividade máxima.

No que se refere à acentuação, a Fonologia Natural Pura considera que a) o input fonotático (prefonologizante) contém sempre seqüências de sílabas todas tônicas do tipo $\left[\begin{array}{ccc} C \acute{V} & C \acute{V} & C \acute{V} \\ \vee & \vee & \vee \\ S & S & S \end{array} \right]$; ISTO É

$$\left[\parallel C \acute{V}^n \parallel \right]$$

b) Em seguida, um processo (prefonologizante) de desacentuação torna átonas todas as sílabas que não sejam a penúltima. Daí, a estrutura menos marcada

$$\left[\parallel C \acute{V}^n C \acute{V} CV \parallel \right]$$

Enfim, a ação combinada de vários processos degenerati-

vos (também prefonologizante) deriva (de cima), os três esquemas acentuais presentes nas representações subjacentes do português.

/ # C Vⁿ C V' C V # / paroxítono (básico)

/ # C Vⁿ C V' # / Oxítono

/ # C Vⁿ C V' C V² / proparoxítono

No componente fonotático -prefonologizante, tem-se as derivações naturais universais seguintes:

(1) Acentuação paroxítona (básica e especialmente produtiva).

[|| C Vⁿ C V' C V ||]

/ # C Vⁿ C V' CV # / output prefonologizante e
input fonêmico do compo-
nente fonológico.

(2) Acentuação oxítona:

[|| C Vⁿ C V' CV ||]

/ # C Vⁿ C V' C V # /

/ # C Vⁿ C V' C ∅ # /

/ # C Vⁿ C V' (C) # / output prefonologizante e
input fonêmico do compo-
nente fonológico.

(3) Acentuação proparoxítona

[|| C Vⁿ C V' C V || C V' C V ||]

/ # C Vⁿ C V' C V # C V' C V # /

/ # C Vⁿ C V' C V # C V' C ∅ # /

~~/ # C Vⁿ C V' C V # C V' C # /~~

/ # C Vⁿ C V' C V = C V' C # /

/ # C Vⁿ C V' C V = C V C # /

/ # C Vⁿ C V' C V + C V C # /

/ # C Vⁿ C V' C V (+) C V (C) # / Output prefonologizante e
input fonêmico do compo-
nente fonológico.

Nota-se que:

(1) \emptyset simboliza o "floating stress", segmento subespecificado por de_ geração, que contém apenas os traços $\left[\begin{array}{l} + \text{ sil} \\ - \text{ acent} \\ \emptyset \text{ Fi} \end{array} \right]$.

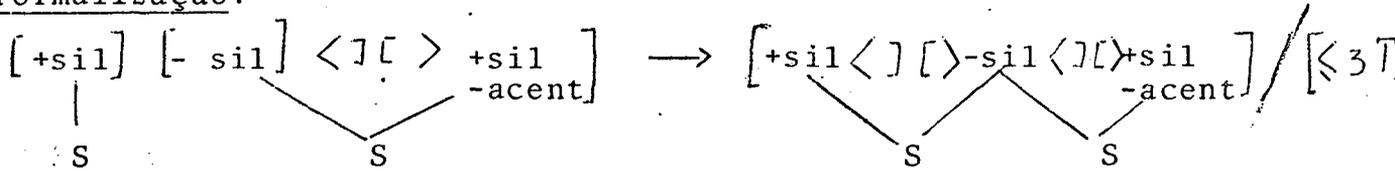
(2) \parallel é a pausa, input do processo degenerativo universal:

$\parallel \rightarrow \# \rightarrow = \rightarrow + \rightarrow \emptyset$

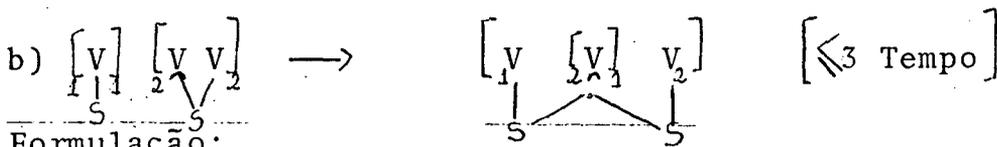
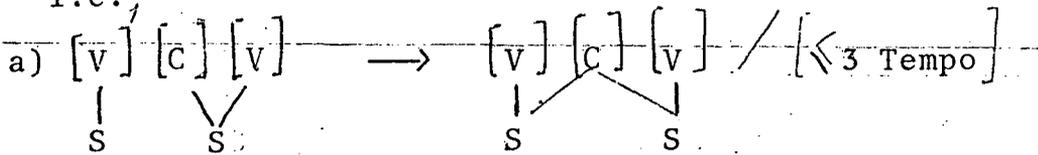
4.3.2. Regras propostas:

Ambissilabificação

Formalização:



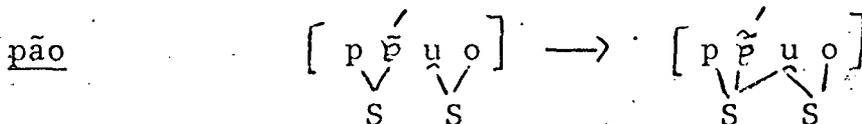
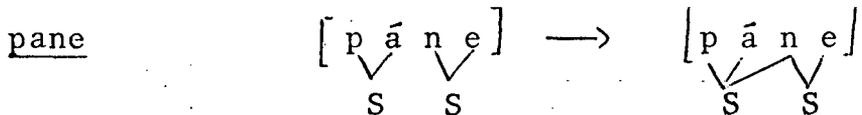
i.e.)

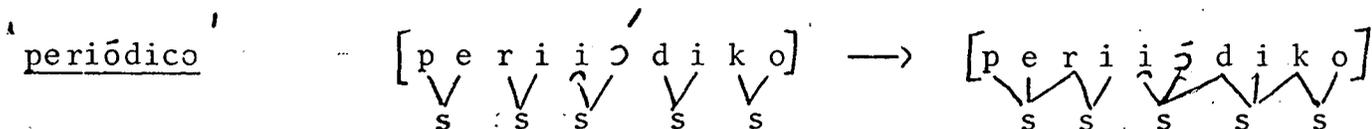


Formulação:

Num contexto de velocidade igual ou superior a $\llbracket 3 \text{ Tempo} \rrbracket$ um não silábico em posição inicial de sílaba átona, constitui também o final da sílaba precedente, tornando-se assim ambissilábico.

Exemplos:

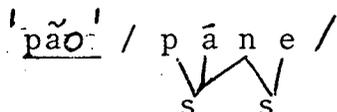




Comentários:

1. A derivação de um ditongo decrescente [VY] é universalmente e sempre condicionada pela ambissilabificação de um ditongo crescente [YV] seguinte, previamente derivado.
2. Uma representação fonêmica subjacente pode conter uma estrutura -ção ambissilábica. Isso significa que um processo de ambissilabificação tinha se aplicado no componente fonotático (prefonologizante). Nota-se que o input deste componente fonotático é a forma única [p ā p á] que apresenta a silabação primitiva universal.

Exemplo de ambissilabificação fonêmica:



3. Quando o contexto subjacente é [+ pausado], a ambissilabificação é substituída por uma geminação.

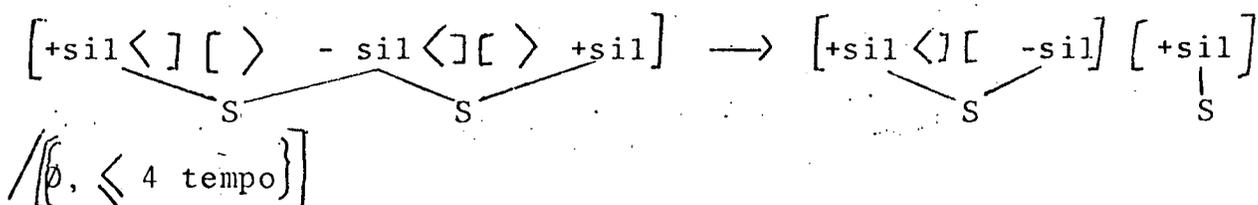
Assim: [pān. ne], [pāo. uo], [+pausado] isto é, que coexiste

na mesma velocidade [3 tempo], com [pāne], [pāuo] isto é [-pausado]

4. A simbolização da segunda barra oblíqua, no contexto, foi proposta por Ohala (1977).

Desambissilabificação

Formalização:



$$a) \begin{array}{c} [v] \quad [c] \quad [v] \\ | \quad \diagdown \quad / \quad | \\ s \quad \quad \quad s \end{array} \longrightarrow \begin{array}{c} [v] \quad [c] \quad [v] \\ \quad \diagdown \quad / \quad | \\ \quad \quad s \quad \quad s \end{array} / \{ \emptyset, \leq 4 \} \text{ tempo}$$

$$b) \begin{array}{c} [v] \quad [v] \quad [v] \\ | \quad \diagdown \quad / \quad | \\ 1 \quad \quad 2 \quad \quad 1 \quad \quad 2 \\ s \quad \quad \quad s \end{array} \longrightarrow \begin{array}{c} [v \quad v] \quad [v] \\ | \quad \quad | \quad \quad | \\ 1 \quad \quad 1 \quad \quad 2 \quad \quad 2 \\ s \quad \quad \quad s \end{array} / \{ \emptyset, \leq 4 \} \text{ tempo}$$

Formulação:

Num contexto de velocidade zero (isto é prefonético), igual ou superior a [4 Tempo], um não silábico ambissilábico deixa de pertencer à 2ª. sílaba, tornando-se assim monossilábico.

Exemplo:

$$'pane' \quad [p \quad \acute{a} \quad n \quad e] \longrightarrow [p \quad \acute{a} \quad n \quad e]$$

$$'pão' \quad [p \quad \tilde{e} \quad u \quad o] \longrightarrow [p \quad \tilde{e} \quad o \quad o]$$

$$'periódico' \quad [p \quad e \quad r \quad i \quad i \quad \tilde{o} \quad d \quad i \quad k \quad o] \longrightarrow [p \quad e \quad r \quad i \quad i \quad \tilde{o} \quad d \quad i \quad k \quad o]$$

Comentários:

(1) O conjunto dos processos sucessivos de Ambissilabificação e de Desambissilabificação corresponde ao que Stampe (1973:54) chama de "Syllabication process".

(2) A monotongação de um ditongo crescente, por exemplo $[i \quad a] \rightarrow [a]$, resulta universalmente de um processo de desambissilabificação.

(3) A mora glidal intrasegmental torna-se não só desambissilabificada, mas também desambissegmentalizada.

(4) Nota-se que, assim como qualquer outro processo, o traço condicionador [n Tempo] só intervém nos estágios fonéticos da derivação, enquanto que nos estágios fonológicos, ele é [Ø Tempo].

Assim

pão / p ã n e / — / p ã n e / / [∅ Tempo]

$\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$
 $\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$

Posteriorização vocálica

$\begin{bmatrix} -alt \\ -bx \end{bmatrix} \rightarrow [+rec] / \left\{ \begin{array}{c} 1 \\ n \end{array} \right\} \text{ — } \# / [\emptyset \text{ Tempo}]$

$\begin{array}{c} | \\ s \end{array}$
 $\begin{array}{c} | \\ s \end{array}$

i.e., e \rightarrow o / {1, n} — # / [∅ Tempo]

Na parte pré-fonética da derivação fonológica a vogal $\begin{bmatrix} -alt \\ -rec \end{bmatrix}$ se posterioriza quando precedida de uma soante $\begin{bmatrix} 1 \\ n \end{bmatrix}$ em posição final de vocábulo.

Exemplo:

'pão' / p ã n e / \rightarrow / p ã n o /

$\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$
 $\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$

'papel' / p a p é l e / \rightarrow / p a p é l o /

$\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$
 $\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$
 $\begin{array}{c} | \\ s \end{array}$

'chapéu' / { a p é l e / \rightarrow / { a p é l o /

$\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$
 $\begin{array}{c} \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array}$
 $\begin{array}{c} | \\ s \end{array}$

Comentário:

Optou-se pela sequência derivacional:

$\begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} n e \\ \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} n o \\ \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array} \rightarrow \left\{ * \begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} o \\ | \quad | \\ s \quad s \end{array} / \rightarrow \left[\begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} u o \\ \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array} \sim \begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} . o \\ | \quad | \\ s \quad s \end{array} \right] \right\}$

Em lugar da derivação

$\begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} n e \\ \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array} \rightarrow \left\{ * \begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} e \\ | \quad | \\ s \quad s \end{array} \rightarrow * \begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} o \\ | \quad | \\ s \quad s \end{array} / \rightarrow \left[\begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} u o \\ \swarrow \quad \searrow \\ s \quad s \end{array} \sim \begin{array}{c} \tilde{v} \\ | \\ \tilde{v} . o \\ | \quad | \\ s \quad s \end{array} \right] \right\}$

por causa do "Misasterism Principle" de Lee and Howard (1974).

Quanto a derivação:

$$\begin{array}{c} \tilde{V} \text{ n e} \\ \vee \quad | \\ \text{s} \quad \text{s} \end{array} \rightarrow \left\{ * \begin{array}{c} \tilde{V} \text{ e} \\ | \quad | \\ \text{s} \quad \text{s} \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \tilde{V} \text{ i e} \\ | \quad \vee \\ \text{s} \quad \text{s} \end{array} \right\} / \rightarrow \left[\begin{array}{c} \tilde{V} \text{ u o} \\ | \quad \vee \\ \text{s} \quad \text{s} \end{array} \sim \begin{array}{c} \tilde{V} \text{ o} \\ | \quad | \\ \text{s} \quad \text{s} \end{array} \right]$$

ela seria pouco natural e menos econômica

O "Misasterism Principle" diz que "(225) na decorrência da derivação, as formas que contêm asterisco, impronunciáveis por razões articulatórias universais, devem ser eliminadas o mais rápido possível"

No caso de uma sucessão de duas vogais em hiato, viola uma restrição universal, o que deve ser automaticamente eliminado - seja pela inserção de uma mora glidal, seja por uma pausa silábica.

Daí a regra:

$$\emptyset \rightarrow \left\{ \begin{array}{c} \tilde{V} \\ \vee \\ \text{s} \end{array}, \bullet \right\} / \quad v-v / \left[\begin{array}{l} -\text{pausado} \\ +\text{pausado} \\ < \emptyset \text{ tempo} \end{array} \right]$$

A velocidade indeterminada $[< \emptyset \text{ Tempo}]$ indica que a regra se aplica em qualquer velocidade (exclusive zero, do output derivacional pré-fonético).

NASALIZAÇÃO

Formalização:

$$[+sil] \rightarrow [+nasal] / \begin{array}{c} \left[\begin{array}{c} +sil \\ \text{nas} \end{array} \right] \left[\chi sil \right] \\ \vee \quad | \\ \text{s} \quad \text{s} \end{array} / \left[\left[\emptyset, \leq 4 \text{ tempo} \right] \right]$$

Comentário

É possível que uma análise mais detalhada de 'pane', realizada com uma velocidade prestíssima ateste uma das formas esperadas.

$$\begin{array}{l}
 \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{e}} \text{ni} \right] \rightarrow \left\{ \begin{array}{l}
 \left[* \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{a}} \text{i} \right] \rightarrow \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{a}} \text{i} \text{i} \right] \quad (?) \\
 \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{ã}} \text{n} \right] \rightarrow \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{ã}} \right] \quad (?)
 \end{array} \right.
 \end{array}$$

4. DERIVAÇÕES

Derivação de 'pão' e 'pane'

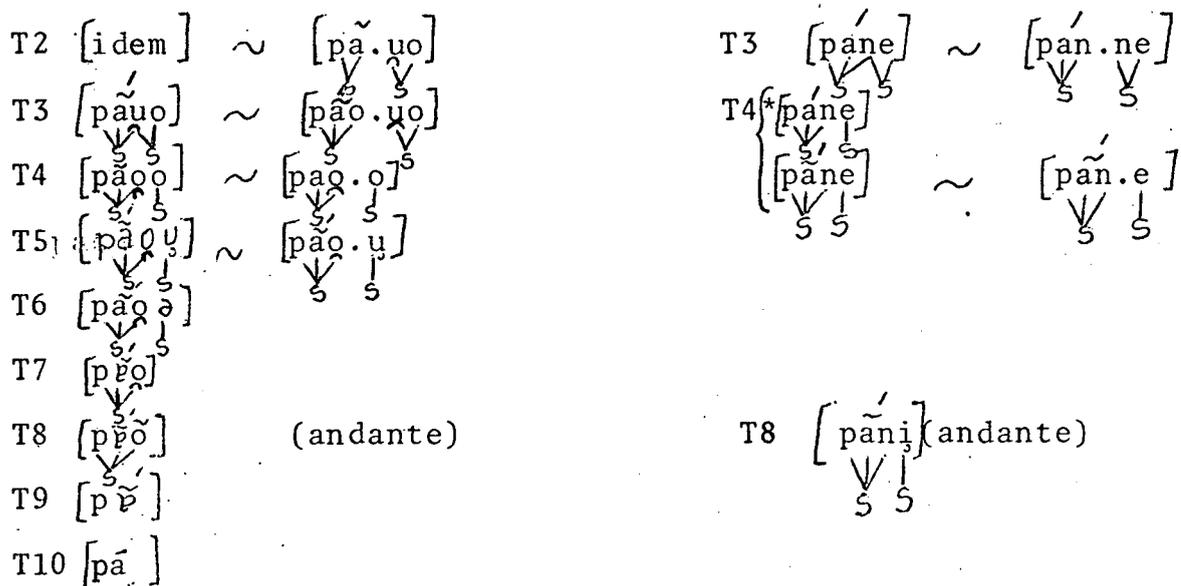
$$\left\{ \begin{array}{l}
 \text{RS } / \text{pã}^{\text{e}} \text{ne} / \\
 \left[\begin{array}{l}
 \text{x pausado} \\
 \text{n tempo}
 \end{array} \right]
 \end{array} \right.$$

$$\left\{ \begin{array}{l}
 / \text{pã}^{\text{e}} \text{ne} / \\
 \left[\begin{array}{l}
 \text{x pausado} \\
 \text{n tempo}
 \end{array} \right]
 \end{array} \right.$$

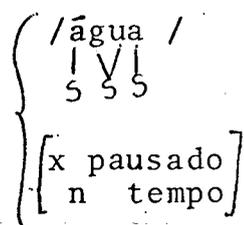
$$\begin{array}{l}
 / \text{pane} / \\
 \vee \quad | \\
 \text{S} \quad \text{S} \\
 / \text{pã}^{\text{e}} \text{ne} / \\
 \vee \quad | \\
 \text{pã}^{\text{e}} \quad \text{ne} \\
 \vee \quad | \\
 \text{S} \quad \text{S}
 \end{array}$$

$$\begin{array}{l}
 / * \text{pã}^{\text{e}} \text{no} / \\
 \vee \quad | \\
 \text{S} \quad \text{S}
 \end{array}$$

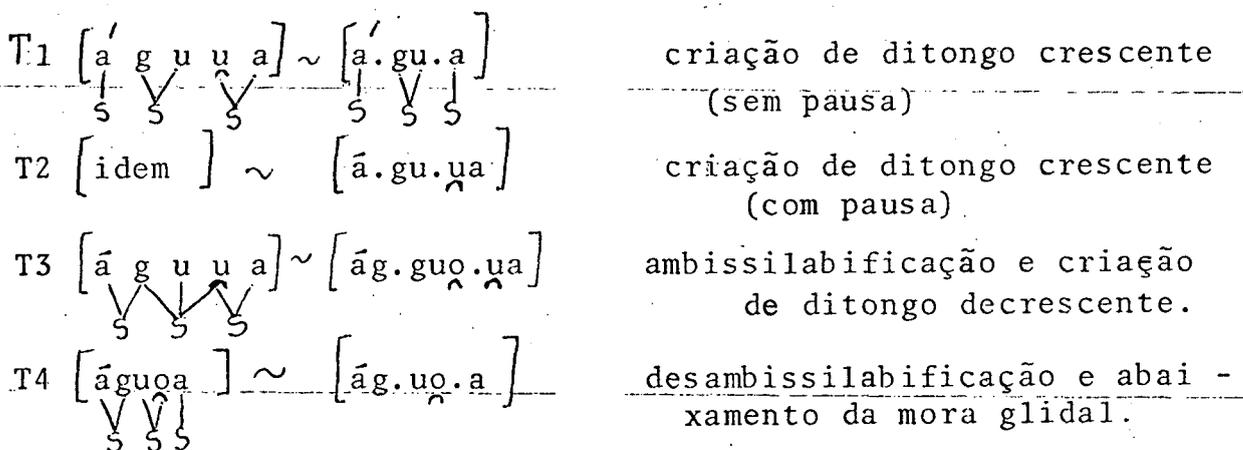
$$\text{T1 } \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{ã}} \text{uo} \right] \sim \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{ã}} \cdot \text{o} \right] \text{ larguíssimo} \quad \text{T2 } \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{p}} \underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{ã}} \text{ne} \right] \sim \left[\underset{\substack{\vee \\ \text{S}}}{\text{pã}} \cdot \text{ne} \right]$$



Derivação de 'água'



Representação fonêmica subjacente.



T5 [āguɸ] ~ [ā.guɸ]


T6 [āguɸ] ~ [āg.guɸ]


T7 [āgoɸ] [āgo.ɸ]


T8 [āgoə]


T9 [āgo]


A pagamento de ditongo decrescente e ressibilificação .

Elevação de vogal final.

Ambissilabificação e criação de consoante labializada.

Desambissilabificação e apagamento de ditongo crescente

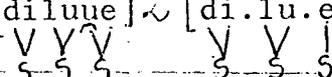
Redução de vogal final.

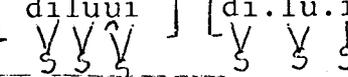
Queda de vogal final.

Derivação de dilui e diluí

{ /dilúe/
 [x pausado]
 [n tempo]

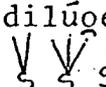
{ /diluí/
 [x pausado]
 [n tempo]

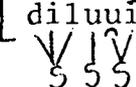
[dilúue] ~ [di.lú.e]


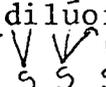
[diluuí] [di.lu.í]


[dilúue]

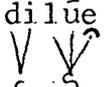

[diluuí]


[dilúoe]


[diluuí]


[dilúoi]


[_____]

[dilúe]


[diluí]


4.6. Conclusão.

Pelo presente estudo, baseado na consideração de todas as realizações fonéticas atestadas, concluiu-se que:

1) não existe glide fonêmico no nível das representações subjacentes, contrariamente ao que sugerem as abordagens "concretas" de Abaurre (1974), Serra (1976) e de maneira implícita, - Leite (1974).

2) não existe glide fonêmico na decorrência da derivação prefonética, contrariamente ao que sugerem as abordagens mais abstratas (cf. anexo).

3) não existe no nível fonético, classe de segmentos glidais (semivogais ou semiconsoantes), mas sim glides intrasegmentais que são moras, eventualmente ambisegmentais e/ou ambisilábicas.

4) todos os glides atestados na língua, por exemplo em pão, água, guarda, diluí, dilui, papel são sem nenhuma exceção, produzidos a partir das realizações mais lentas, caracterizadas pelos traços seguintes: seja $\left[\begin{array}{l} 1 \text{ tempo} \\ - \text{ pausado} \end{array} \right]$, por exemplo em $[p\acute{p}uo]$ (mas não em $[p\acute{p}oo]$, que tem os traços $\left[\begin{array}{l} 1 \text{ tempo} \\ + \text{ pausado} \end{array} \right]$); seja, por exemplo em $[p\acute{p} .uo]$, $\left[\begin{array}{l} 2 \text{ tempo} \\ + \text{ pausado} \end{array} \right]$.

4.7. Anexo: casos polêmicos

	<u>mão</u>	versus	<u>mano</u>
1- { Paviani (1969)	/ mão /		/ manno /
{ Brasington (1971)			
2- { Saciuk (1970)	/ mano /		/ mano /
{ Abaurre (1973)	[+ nativo]		[- nativo]
3- Abaurre (1974)	/ m ^õ /		/ manu /
	[+ invariável - R glide alternante]		
4. Leite (1974)	/ m ^ã /		/ manu /
{ Mateus (1975)			
5- {	/ maN + o /		/ man + o /
{ Deschamps (1976)			
6. Costa Selber (1975)	/ .mano /		/ mano /
	[+ nasalização]		
7. Serra (1976)	/ m ^ã /		/ manu /
8. Vandresen (1976)	/ man + u /		/ man + o /
9. Brakel (1977)	/ man + o /		/ mano + o /
10. Nova interpretação	/ man + o /		/ man + o /

	<u>pão</u>	versus	<u>pane</u>
1	Paviani (1969)	/ pane /	/ pane / [- R. queda de e]
2	Brasington (1971)	/ pane /	/ panne/
3	{ Saciuk (1970) Abaurre (1973)	{ / pane / [+ nativo]	{ / pane / [- nativo]
4	Abaurre (1974)	{ / p ã ã / [+ alternante - R ã alternante]	/ pãni /
5	Leite (1974)	/pãu/	/pani /
6	{ Mateus (1975) Deschamps (1976)	/paN+e /	/pane /
7	Costa Selber (1975)	/pane/ [+ nasalização]	/pane/ [- apócope - nasalização]
8	Serra (1976)	/pãw/	/pãni/
9	Vandresen (1976)	/pan+i/	/pan+e/
10	Brakel (1977)	//pan+e/	/pane+e/
11	Nova interpretação	/pan+e/ V V S S	/pan+e/ V V S S

ANEXO DO CAPÍTULO IV

1 - HENSEY (1968)

/limone - pl/	/limone + pl/	
ōne - pl	ōne + pl	Acento
ō̃ne - pl	ō̃ne + pl	Nasalização
ōn - pl	—	Queda do <u>e</u>
ō - pl	—	Queda do <u>n</u>
āo - pl	—	Ditongação
—	ō̃e + pl	Queda do <u>n</u>
āu - pl	ō̃i + pl	e → i, o → u
āw - pl	ō̃y + pl	i → y, u → w
āw - pl	—	a → ə
āw̃ - pl	ō̃ỹ + pl	Nasalização y, w
āw̃	ō̃ỹ S	+ pl → S, - pl → ∅
—	ō̃ys /f	S → s /f
[limāw̃]	[limō̃ys] ou [limō̃ỹf]	

2 - PAVIANI (1969)

/limone/	/limone + s/	
ōne	ōne + s	Acento
ōn	—	Queda do <u>e</u>
—	ōni + s	Levantamento
ō̃n	ō̃ni + s	Nasalização
ō	ōi + s	Queda de <u>n</u>
ā	—	Abaixamento
āu	—	Ditongação
āũ	ō̃i + s	Nasalização progressiva

$\bar{a}\bar{w}$ [limãw]	$\bar{o}\bar{y} + s$ [limõys]	Formação de glide
/pane/	/pane + s/	
āne	āne + s	Acento
ān	—	Queda de <u>e</u>
—	āni + s	Levantamento
ā̃n	ā̃ni + s	Nasalização
ā	āi + s	Queda de <u>n</u>
āu	—	Ditongação
āũ	āĩ + s	Nasalização progressiva
āw	āy + s	Formação de glide
[pāw]	[pāys]	
/mano/	/mano + s/	
āno	āno + s	Acento
ānu	ānu + s	Levantamento
ā̃nu	ā̃nu + s	Nasalização
āu	āu + s	Queda de <u>n</u>
āũ	āũ + s	Nasalização progressiva
āw	āw + s	Formação de glide
[māw]	[māws]	

3 - SACIUK (1970)

/limone/	/limone + s/	
ōne	ōne + s	Acento
ō̃ne	ō̃ne + s	Nasalização
ōe	ōes	Queda do <u>n</u>

l̃o	—	apócope
ã	—	"unrounding"
ãw	—	Inserção de glide
ãw̃	õēs	Nasalização secundária
—	õis	Levantamento ("vowel closing")
—	õys	Ditongação ("glide formation")
[l̃imãw̃]	[l̃imõys]	

/pane/	/pane + s/	
ãne	ãnes	Acento
ãne	ãnes	Nasalização
ãe	ães	Queda do <u>n</u>
ã	—	Apócope de <u>e</u>
—	—	"Unrounding"
ãw	—	Inserção de glide
ãw̃	ãēs	Nasalização secundária
—	ãis	Levantamento ("vowel closing")
—	ãys	Formação de glide
[pãw̃]	[pãys]	

/mano/ /mano + s/

[+nativo] [+nativo]

4. BRASINGTON (1971)

/limõn + i / /limõn + i + s/

õn	—	Queda do <u>i</u>
ãn	—	o → a
ãn	õn+i+s	Nasalização
ãun	—	Formação de glide (ditongação)

Queda do n
 Queda opcional de n
 Velarização de n opcional
 Nasalização progressiva
 Levantamento de a
 s → ʃ
 Formação de glide

—	ō+i+s
ā _u (n)	—
ā _u (y)	—
ā _u (ɔ)	ō+ĩ+s
ǎ _u (ɔ)	—
—	ō+ĩ+ʃ
—	ō+ĩ+ʃ
[limǎ _u (ɔ)]	[limōĩʃ]

/pān + i/	/pān + i + s /	
ān	—	Queda de <u>i</u>
ān	ān+i+s	Nasalização
ā _u n	—	Formação de glide(ditongação)
—	ā+i+s	Queda de <u>n</u>
ā _u (n)	—	Queda opcional de <u>n</u>
ā _u (ɔ)	—	Velarização de <u>n</u> opcional
ā _u (ɔ)	ā+ĩ+s	Nasalização progressiva
ǎ _u (ɔ)	ǎ+ĩ+s	Levantamento de <u>a</u>
—	ǎ+ĩ+ʃ	s → ʃ
—	ǎ+ĩ+ʃ	Formação de glide
[pǎ _u (ɔ)]	[pǎĩʃ]	

/mān + u/	/mān + u + s/	
ān+u	ān+u+s	Nasalização
ā+u	ā+u+s	Queda de <u>n</u>
ā+ū	ā+ū+s	Nasalização progressiva
ā+ū	ā+ū+s	Levantamento de <u>a</u>
—	iā+ū+ʃ	s → ʃ
ā+ū	ā+ū+ʃ	Formação de glide
[māū]	[māūʃ]	

5 - SAINT-CLAIR (1971)

/limone /	/limone + s/	
ōne	ōne + s	Acento
ōne	ōne + s	Nasalização
ōe	ōe + s	Queda de <u>n</u>
—	—	Apócope
—	ōi + s	Levantamento
—	ōy + s	Formação de glide
ōw	—	Acréscimo de glide
āw	—	Dissimilação
[limāw]	[limōys]	
/pane/	/pane + s/	
āne	āne+s	Acento
āne	āne+s	Nasalização
ān	—	Apócope
—	āe+s	Queda de <u>n</u>
ā	—	Queda de <u>n</u> final
—	āi+s	Levantamento
—	āy+s	Formação de glide

āw	—	Acréscimo de glide
[páw]	[páys]	
/man+o /	/man+o+s/	
ān+o	ān+o+s	Acento
ā̄n+o	ā̄n+o+s	Nasalização
ā+o	ā+o+s	Queda de <u>n</u>
ā+u	āu+s	Levantamento
ā+w	ā+w+s	Formação de glide
[māw]	[māws]	

6 - ABAURRE (1973)

/limone/	/limone+s/	
ōne	ōnes	Acento
ō̄ne	ō̄nes	Nasalização
ōn	—	Apócope
ōw	—	Vocalização do <u>n</u>
ō̄w	—	"unrounding" (=dissimilação)
—	ōes	Queda do <u>n</u>
—	ōis	Levantamento
—	ōys	Formação de glide
[māw]	[limō̄ys]	Nasalização secundária
/pane/	/pane+s/	
āne	ānes	Acento
ā̄ne	ā̄nes	Nasalização
ā̄ne	ā̄nes	(restrição dialetal)

ān	_____	Apócope
_____	āes	Queda do <u>n</u>
āw	_____	Vocalização do <u>n</u>
_____	_____	"Unrounding"
_____	āys	Levantamento
_____	āys	Formação de glide
[pāw]	[pāy s]	Nasalização secundária

/mano/	/mano +s/	
āno	ānos	Acento
āno	ānos	Nasalização
āno	ānos	(restrição dialetal)
_____	_____	Apócope
_____	_____	Queda do <u>n</u>
_____	_____	Vocalização do <u>n</u>
āo	āos	"Unrounding"
āu	āus	Levantamento
āw	āws	Formação de glide
āw	āws	Nasalização secundária
[māw]	[māws]	

7 - ABAURRE (1974)

/limāw/	/limāw + pl/	Regras de redundância
[limāw]	[limōys]	

$\left\{ \begin{array}{l} /p\tilde{a}\tilde{w} / \\ [+ \text{ Alternante}] \\ [- \text{ R.}\tilde{V} \text{ alternante}] \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} /p\tilde{a}\tilde{w} + pl/ \\ [+ \text{ Alternante}] \\ [- \text{ R.}\tilde{V} \text{ alternante}] \end{array} \right.$
[p $\tilde{a}\tilde{w}$]	[p $\tilde{a}\tilde{y}\tilde{s}$]

$\left\{ \begin{array}{l} /m\tilde{a}\tilde{w} / \\ [+ \text{ invariável}] \\ [- \text{ R glide alternante}] \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} /m\tilde{a}\tilde{w} + pl / \\ [+ \text{ invariável}] \\ [- \text{ R glide alternante}] \end{array} \right.$
[m $\tilde{a}\tilde{w}$]	[m $\tilde{a}\tilde{w}\tilde{s}$]

8 - LEITE (1974)

/lim $\tilde{a}\tilde{u}$ /	/lim $\tilde{a}\tilde{u}$ + pl/
ã \tilde{u}	ã \tilde{u} + pl
—	ã \tilde{u} + s
—	õi + s
—	—
[lim $\tilde{a}\tilde{w}$]	[lim $\tilde{o}\tilde{y}\tilde{s}$]

Acento

Pluralização

Regra 29(ã \tilde{u} → õi/— s)

Regra menor 30

NB ã \tilde{u} → õi/—s(produtivo)

$$\left\{ \begin{array}{l} /p\bar{a}u / \\ [-R 29] \\ [+R 30] \end{array} \right.$$

—

—

—

[páw]

$$\left\{ \begin{array}{l} /p\bar{a}u + pl/ \\ [-R 29] \\ [+R 30] \end{array} \right.$$

āu + pl

āu + s

āi + s

[pāys]

Acento

Pluralização

Regra 29 (āu → āi / -s)

Regra menor 30 (āu → āi / -s)

$$\left\{ \begin{array}{l} /m\bar{a}u / \\ [-R 29] \end{array} \right.$$

āu

—

—

—

[māw]

$$\left\{ \begin{array}{l} /m\bar{a}u + pl/ \\ [-R 29] \end{array} \right.$$

āu + pl

āu + s

—

—

[māws]

Acento

Pluralização

R 29

R menor 30

9 - MATEUS (1975)

/limoN + e /

/limoN + e S/

ōN+e

ōN

ōN

ō

...

[limōw]

Acento

Queda do e

Nasalização

Queda do n

/pa N + e /

/pa N + e S/

ãN+e

ãN

ãN

ã

ẽ

[pẽw]

Acento

Queda do e

Nasalização

Queda do NLevantamento do a

/maN + o /

/ma N + oS/

ãN+o

ãN+o

ã + o

ẽ + o

[mẽw]

Acento

Nasalização

Queda do NLevantamento do a10 -- COSTA SELBER (1975) --

/limone /

/limone+s/

õne

õne+s

õn

—

õn

õne+s

õw

õe+s

—

õi+s

—

õỹ+s

ãw

—

ãw

—

[lĩm õw]

[lĩmõỹs]

Acento

Apócope

Nasalização

Queda do n

Levantamento

Ditongação

Dissimilação

Levantamento do a

/pane /	/ pane+s /	
āne	āne+s	Acento
ān	—	Apócope
ān	āne+s	Nasalização
āw	āe+s	Destino do <u>n</u>
—	āi+s	Levantamento
—	āy+s	Ditongação
—	—	(Dissimilação)
āw	āy+s	Levantamento do <u>a</u>
[pāw]	[pāys]	

{ /mano /	{ /mano+s/	
{ [+nasalização]	{ [+nasalização]	
āno	āno+s	Acento
—	—	(apócope)
āno	āno+s	Nasalização
āo	āo+s	Queda do <u>n</u>
āu	āu+s	Levantamento
āw	āw+s	Ditongação
(—)	(—)	Dissimilação
āw	āw+s	Levantamento do <u>a</u>
[māw]	[māws]	

11 - SERRA (1976)

/limāw /	/limōy + s/	
		Acento
		Levantamento
[limāw]	[limōys]	

/pāw/

/pāy + s/

Acento

Levantamento

[pāw]

[pāys]

/māw / / māw + s/

Acento

Levantamento

[māw]

[māws]

12 - DESCHAMPS (1976)

/limoN + e/

/limoN+e+s/

ōN+e

ōN+e+s

Acento

ōN+e

ōN+e+s

Nasalização

ō+e

ō+e+s

Queda do n

ō+o

—

Assimilação

ō+U

ō+I +s

Redução vocálica
(=levantamento)

ō+w

ō+y+s

Formação de glide

āw

—

Dissimilação

[li·māw]

[limōys]

/paN+e/

/paN+e+s /

āN+e

Acento

āN+e

Nasalização

ā+e

Queda do n

ā+o

Assimilação

ā+U

Levantamento

ã+w		Formação deglide
—		Dissimilação
[pãw]		
/maN+o /	/maN+o+s /	
ãN+o		Acento
ãN+o		Nasalização
ã+o		Queda do <u>n</u>
ã+U		Assimilação
ã+w		Levantamento
—		Dissimilação
[mãw]		

13 - VANDRESEN (1976)

/limon+i/	/limon+i+s/	
õn+i	õn+i+s	Nasalização
õ+i	õ+i+s	Queda do <u>n</u>
õ+u	—	Assimilação
õw	õys	Formação de glide
ãw	—	Dissimilação
[limãw]	[limõys]	
/pan+i /	/pan+i+s/	
ãn+i	ãn+i+s	Nasalização
ã+i	ã+i+s	Queda de n
ã+u	—	Assimilação
ãw	ãys	Formação de glide
[pãw]	[pãys]	

/man+u /	/man+u+s/	
ãn+u	ãn+u+s	Nasalização
ã+u	ã+u+s	Queda do <u>n</u>
ãw	ãws	Formação de glide
[mãw]	[mãws]	

14 - BRAKEL (1977)

/limon+e/	/limon+e+z/	
	õn+e+z	Acento (regra morfoléxica)
	õn+e+z	{ Nasalização }
	õ+e+z	
	óiz	{ Levantamento }
	óyz	{ Formação de glide }
	óÿz	
	[limóÿs]	

<u>/pan+e+z/</u>			
ãn+e+z		Regra morfoléxica: Acento	
ãn+e+z	{ Nasalização }	regras morfofonêmi- cas.	
ã+e+z			{ Queda do <u>n</u> }
ãiz	{ Levantamento }	regras fonológicas	
ãyz			{ Formação do glide }
ãÿz			{ Nasalização progressiva }
[pãÿs]			

/mano+o /	/man+o+z	
	ãn+o+z	R. morfoléxica: acento
	ãn+o+z	{ Nasalização }
	ã+o+z	{ Queda do <u>n</u> }
	ãuz	{ Levantamento }
	ãwz	{ Formação do glide: regras fonoló- gicas. }
	ãÿz	
	[mãws]	

5. Conclusão

Através de argumentos motivados e baseados no modelo da Fonologia Natural Pura, foram expostos, detalhadamente, aspectos relativos às semivogais do Português, concluindo-se que:

1. Gramáticos e estruturalistas apresentam soluções bastantes - questionáveis, e os resultados conflitantes são conseqüências da teoria e método utilizados em seus estudos.

2. A investigação da hipótese que apresentava as semivogais /y/ e /w/ como fonemas e de outra que considerava as semivogais subjacentes em alguns contextos e derivadas em outros, não foram suficientemente econômicas, simples, naturais ou produtivas, para darem conta das possíveis realizações da língua.

3. O modelo da Fonologia Natural Pura possibilitou um estudo da descrição sincrônica satisfatória; exigindo a integração, nas representações fonêmicas subjacentes, dos fatores que determinam a variabilidade inerente, inter-individual e intra-individual.

4. Um estudo baseado nos 'tempos', a partir de uma velocidade do tipo larguíssimo, dá conta de todas as realizações fonéticas possíveis, justificando a hipótese apresentada de que:

a) Não existe glide fonêmico ou semivogal nas representações subjacentes do português.

b) Não existe glide fonêmico ou S na decorrência da derivação prefonética.

c) Não existe, no nível fonético, classe de segmentos glidais - (semivogais ou semiconsoantes), mas sim glides intrasegmentais, que são moras, eventualmente ambisegmentais e /ou ambissilábicas.

d) Os glides atestados na língua são todos produzidos a partir de realizações mais lentas, caracterizadas pelos traços seguintes: seja

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA GERAL

1. ALI, Manuel Said. Gramática secundária. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
2. _____. Gramática Histórica da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1971.
3. ARGENTON. Maria Alice P. de Souza. Formação do plural em português. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1975.
4. AUBERT, Francis Henrik. Para uma definição estrutural da sílaba. M.G. Estudos Lingüísticos, 2. I.L.F.I.S.T.A., 1976.
5. BACH, Eurico & MATOS, Geraldo. Gramática construtural da língua portuguesa. S.P., F.T.D., 1973.
6. BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. S.P. Companhia Editora Nacional, 1975.
7. BERVIAN, P.A. & CERVO, A.L. Metodologia científica. R.J., Ed. Mac Graw-Hill do Brasil, Ltda., 1976.
8. CABRAL, Leonor Scliar. Introdução à lingüística. P.A. 1 ed, Editora Globo, 1974.
9. CÂMARA, J.M. Princípios de lingüística geral. 4 ed., Editora Livraria Acadêmica, 1972.
10. _____. História e estrutura da língua portuguesa. R.J., 2 ed. Editora Padrão, 1977.
11. _____. Para o estudo da fonêmica portuguesa. R.J., 2 ed., Editora Padrão, 1977.
12. _____. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, Ed. Vozes, 1972.
13. CHAVES DE MELLO, Gladstone. A língua do Brasil. R.J., 2 ed. Fundação Getúlio Vargas, 1971, pp. 119-29.
14. CUNHA, Celso. Gramática da língua portuguesa. R.J., 3 ed. FENAME, 1976.

15. HALL, Robert A.. The unit phonemes of brazilian portuguese. Studies in Linguistics. 1: 15, 1. 6.
16. LIMA, Rocha. Gramática da língua portuguesa. R.J. 18 ed., -
Edição Livraria José Olympio, 1976. .
17. MALMBERG, Bertil. A fonética. Lisboa. Ed. Livros do Brasil.
Tradução de Oliveira Figueredo, 1954.
18. MENDONÇA, Renato. O português do Brasil. R.J. 2 ed., Civilização Brasileira, S.A. pp. 198-229.
19. PONTES, Eunice. Estrutura do verbo no português coloquial.
Petrópolis. Ed. Vozes Ltda., 1972.
20. REED, David & LEITE, Yolanda. The segmental phonemes of -
brazilian portuguese standard paulist. Dialect in Pike.
1947. pp. 194-202.
21. STOCKWELL & BOWEN. A further note on Spanish Semivowels. in
RIL. 31. 236. 1956, pp. 405-06.
22. .The phonemic interpretation of semivowels in Spanish.
in RIL. 31-236-40, 1955, pp. 400-04.
23. TWADDEL, W. Freeman. On defining the phoneme. Monograph.
1935. STN.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA ESPECÍFICA

- 1 - ABAURRE, M.B.M., "Some cases of Plural Formation in Portuguese a natural approach". Suny / Buffalo, 1974
- 2 - _____. "Nasality in portuguese: a critical consideration of a proposed analysis for word final diphtongs. Suny/ Buffalo, 1973.
- 3 - ANDERSEN, H. "Diphtongization". Language, 48 (1) 11-50, 1972.
- 4 - ANDERSON, Stephen R. "Nasal Consonants and the internal structure of segments". Language 52(2): 326-344, 1976.
- 5 - ANGENOT, Jean-Pierre. "Aspects de la Phonétique et de la Morphologie de l' Ewondo (Cameroun)". Dissertation Doctorale, - Leiden, Holland, 1971.
- 6 - _____. "Sub-especificação e Fonologia Gerativa Natural". Exemplos africanos. II E.N.L. PUC, Rio, 1977.
- 7 - _____. "Sobre o critério da produtividade em Fonologia", III E.N.L. PUC, Rio, 1978.
- 8 - BOTHA, Rudolf P. "Methodological aspects of transformacional Gerative phonology". Paris, Mouton, 1971.
- 9 - BOLOZKY, S. "Fast speech as a function of tempo in natural generative phonology". Journal of Linguistics, 13(2): 217-238, 1977.
- 10 - BRASINGTON, R.W.P. "Nom pluralization in brasilian portuguese". Journal of Linguistics. 7: 151-77, 1971.
- 11 - CAMPBELL, Lyle. "Phonological Features: problems and proposals." Language 50: 52-65.
- 12 - CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. "Sound pattern of english". N.Y. Harper & Row, 1968.
- 13 - COSTA SELBER, Neusa Barbosa. "As vogais nasais do português". Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1975

- 14 - DESCHAMPS, Dário. Mecanismos nasais no português. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1976.
- 15 - GNERRE, M.B. M. Abaurre. "O Status teórico dos "Tempos" (velocidade) de pronúncia na Fonologia Gerativa Natural." I E.N.L. PUC, Rio, 1976. pp. 248-69.
- 16 - _____. "Some problems of Portuguese phonology in the light of NGP. and the revisited strong naturalness condition." M.A. 1974.
- 17 - GOLDSMITH, John A. An overview of autosegmental phonology. Linguistic Analyses. 2 (1): 23-68.
- 18 - HARRIS, James W. Spanish phonology. Cambridge. Massachusetts, - MIT PRESS, 1969.
- 19 - _____. "Remarks on diphthongization in Spanish" Language. 41: 261-305, 1977.
- 20 - HOARD, Jones. "Aspiration, Tenseness, and syllabification in English", Language 47 (1); 133-140, 1971.
- 21 - HENSEY, Fritz. "Questões de fonologia gerativa: as regras de pluralização." Estudos Lingüísticos. 3: 1-10.
- 22 - HOOPER, Joan B. "An introduction to Natural Generative phonology." Academic Press, N.Y. 1976.
- 23 - HYMAN, Larry, M. Phonology: theory and analysis. University - S.C. 1975, S.N.T.
- 24 - JONES, Charles. Some constraints on medial consonant clusters. Language, 52 (1) 121-130, 1976.
- 25 - KAHN, Daniel. "Syllable - based generalizations in English - phonology. Indiana University Linguistics Club. 1976.
- 26 - KAISSE, Ellen. Segments with internal structure: greek labio-velars", 5 th Annual Meeting Northeast Linguistics Society, Cambridge, 1974.
- 27 - KUCERA, H. "Language variability, rule interdependency and the grammar of Czech", Linguistics Inquiry, 4: 499-521, 1974,

- 28 - LEE, and HOWARD. "Another mouthful of divinity fudge" in Natural phonology. Chicago, 1974.
- 29 - LEITE, Yone de Freitas. Portuguese Stress and related rules. Tese de doutoramento, University of Texas at Austin, 1974.
- 30 - LIPSKI, Tohn. "Brazilian Portuguese novel nasalization: secondary aspects", S.N.T. 1975
- 31 - MATEUS, Maria Helena Mira. Aspectos da fonologia portuguesa. Lisboa. Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1975.
- 32 - NARO, Anthony T. "Resolution of vocalic hiatus in portuguese: diachronic evidence for binary features." Language, 42 (2) 381-393.
- 33 - N'LANDU, Laanda Ntozila. Fonologia e silabicidade. O caso do dialeto Chines Mandarin. III Encontro Nacional de Linguística PUC. Rio, 1978.
- 34 - OHALA, Manjari. "The treatment of phonological variation : an example from Hindi". Língua, 42 161-176.
- 35 - SACIUK, Bohdan. Some basic rules of portuguese phonology. pp.197-222 S.N.T.
- 36 - SALTARELLI, Mário. Spanish plural formation: apocope or epenthesis? 1970.
- 37 - SAPORTA, Sol. A note on Spanish semivowels, in RIL. 32:287-90. 1956.
- 38 - SCHANE, Sanford. French phonology and morphology. Cambridge, Massachussets MIT Press, 1968.
- 39 - _____. The phoneme revisited. Language, 43. 3. 1971.
- 40 - _____. Fonologia gerativa. R.J. Tradução de Alzira Soares da Rocha, Maria Helena Camacho e Juneia Malas. Zahar Editores, 1973 , Tradução 1975.
- 41 - SERRA, Maria Conceição. Os glides no português. Dissertação - de Mestrado. PUC, Campinas, 1976.
- 42 - STAMPE, D. On the natural history of diphtongs. Chicago Linguistics Society. 578-90, 1972.

- 43 - STANLEY, Richard. Redundancy rules in phonology. N.Y. Language. 43. 1976.
- 44 - ST. CLAIR Robert N. The portuguese plural formation. Linguistics. 68: 90-102, 1972.
- 45 - VANDRESEN, Paulino. O vocalismo português. Implicações teóricas. Revista Brasileira de Linguística. 2. 1975.: Ano I. Vo zes. pp 80-103.
- 46 - _____ . "O Grau de Abstração das formas lexicais do português. Conferência I E.N.L. Rio de Janeiro. 1976. pp. 306-11.
- 47 - VOORHOEVE, Jan. "Some probleme in generative phonology, with special reference to ton. Congress "Tonal Problems", University of Leiden, Holland, 1971.
- 48 - WILLIAMS, Edwim B. From latin to portuguese. 2nd ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1962.
- 49 - WOO, Nancy. "Prosody and Phonology. MIT, dissertation, 1969.

S U P L E M E N T O

- ANGENOT, J.P. S. SAHADE ARAÚJO. "A controvérsia sobre o limite de Morfema". SBPC - São Paulo. 1978.
- BJARKMAN, P.C. "Toward a proper conception of processes in a natural phonology". Chicago Linguistic Society. 1975.
- BOLOZKY, Shmuel. "A note on archi-segments" Glossa, 9 (2): 253-258. 1975.
- CARREL, Patricia. "Transformational grammar of Igbo" Cambridge. 1971.
- CEARLEY, Alvin. "The only phonological rule ordering principle". Natural Phonology, 30-42. 1974.
- DELL, F. "Les regles et les sons". Paris: Hermann. 1970
- HOARD, James E. "A spiration, tenseness, and syllabification in english". Language, 47 (1): 133-140. 1971.
- HOOPER, Joan, "The archi-segment in natural generative phonology", - Language, 51 (3): 536-60, 1975.
- HOOPER, Joan and Blair A. RUDES, "Archi-segments: A reply to bolozky" Glossa, 11(1): 106-114, 1977
- HUDSON, Grover. "The role of phonetic constraints on natural generative phonology" Natural Phonology. Chicago, pp. 171-183. 1974.
- JENSEN, John T. Review of: J.B. HOOPER "An introduction to natural generative phonology". New York. 1976. " Language, 54(3): 667-674. 1978.
- KIPARSKY, Paul. "How abstract is phonology?" (paper) 1968.
- KIPARSKY, Paul. "Abstractness, opacity and global rules". Indiana University Linguistics Club. 1973.
- LEBEN, William R. "The tones in English intonation". Linguistic Analysis: 69-107. 1976
- LEE, Gregory and Irwin HOWARD, "~~Another Mouthful of Divinity Fudge~~". Natural Phonology. 233-239. 1974
- RUDES, Blair A. "Lexical representation and variable rules in natural phonology"

- SOMMERSTEIN, A.H. "Contemporary Phonology". University Park Press.
1977.
- STAMPE, David. "The Acquisition of Phonetic Representation". Chicago Linguistic Society 443-454. 1969.
- STAMPE, David. "A Dissertation on Natural Phonology" Chicago 1973.
- STANLEY, Richard. "Redundancy rules in phonology", Language, 43(2)
313-436, 1967.
- VENNEMANN, Theo. "Phonological concreteness in natural generative -
grammar" in Towards Tomorrow's Linguistics. pp. 202-219. 1974.
- VENNEMANN, Theo. "Words and syllables in natural generative grammar"
Papers from the parasession on natural phonology. Chocago. -
p. 346-374. 1974.
- ZWICKY, Arnold M. "On casual speech" Chigago Linguistics Society, -
607-615. 1972